



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

ROMERO PAULINO MENDES

DO PALCO ÀS TELAS, DAS TELAS À SALA DE AULA: APRENDENDO
DRAMATURGIA COM DIAS GOMES

Recife

2022

ROMERO PAULINO MENDES

**DO PALCO ÀS TELAS, DAS TELAS À SALA DE AULA:
APRENDENDO DRAMATURGIA COM DIAS GOMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Campus Recife, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis.

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Mendes, Romero Paulino .

Do palco às telas, das telas à sala de aula: aprendendo dramaturgia com Dias
Gomes / Romero Paulino Mendes. - Recife, 2023.

53 : il.

Orientador(a): Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Teatro - Licenciatura, 2023.

1. Dias Gomes. 2. Dramaturgia. 3. Teledramaturgia. 4. Pedagogia do
Teatro. I. Reis, Luís Augusto da Veiga Pessoa . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ROMERO PAULINO MENDES

DO PALCO ÀS TELAS, DAS TELAS À SALA DE AULA:
APRENDENDO DRAMATURGIA COM DIAS GOMES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Artes, da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
licenciado em Teatro.

Aprovado em 26 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Roberto Lúcio Cavalcanti de Araújo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Durval Cristóvão de Santana Júnior (Examinador Externo)
Escola de Referencia em Ensino Médio Professor Antônio Farias (EREMPAF)

AGRADECIMENTOS

O bem maior de cada ser humano é a sua capacidade de gratidão. Essa é uma das verdades que carrego comigo e acredito que seria de grande importância destacar aqui algumas pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Quero colocar primeiramente a minha família, de Sairé, os meus pais e os meus irmãos, que até aqui serviram como todo o apoio de que eu precisava: moral, financeiro, sentimental e motivacional.

Deixo aqui registrado o nome da minha prima querida Diana Maria, sem a qual eu não teria chegado aqui do jeito que cheguei.

Quero também registrar nomes de pessoas importantes do curso, que compartilharam do mesmo sonho comigo e que juntos vivemos todas as aventuras e desventuras que a UFPE nos trouxe: Lucas Bebiano, Diogo Cabral, Camila Bastos, Karol Spinelli, Way, Gabriel Melo, Erique Rafael, Malu Neves, Eudes, Duda Diniz, George Swan, Manoa, Michele Felix, Julia Maux; são muitos nomes e cada um tem sua contribuição e importância na minha história.

Quero agradecer imensamente a paciência, o cuidado, o auxílio e a amizade do queridíssimo professor Luís Reis, que aceitou a empreitada de me orientar aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo. Obrigado de verdade, professor! O senhor foi genial.

Todos vocês me ajudaram a não desistir quando as opções pareceram escassas, quando tudo parecia ir mal, quando eu pensava não ter maturidade e nem conhecimento para lidar com certas adversidades. A jornada do herói que eu mesmo vivi na universidade é um lindo capítulo de superação da minha história de vida. Obrigado.

Obrigado, Deus, e obrigado, Universo, por todo o apoio necessário!

"O artista se alimenta de liberdade". – Dias Gomes

RESUMO

Este trabalho estuda aspectos da vida e da obra dramaturgica de Dias Gomes (1922-1999), buscando ressaltar o potencial formativo do legado desse autor para a Pedagogia do Teatro, sobretudo no que tange ao ensino da dramaturgia. Especificamente, analisa-se a adaptaçao que o próprio autor fez de uma de suas peças teatrais mais famosas: *O berço do herói* (1963), transformando-a em telenovela, com o objetivo de investigar como o conhecimento dessa operaçao dramaturgica pode enriquecer a docencia teatral.

Palavras-chave: Dias Gomes. Dramaturgia. *O berço do herói*. *Roque Santeiro*, Pedagogia do Teatro.

ABSTRACT

This work studies aspects of the life and of the dramaturgical work of Dias Gomes (1922-1999), seeking to highlight the formative potential of this author's legacy for Theater Pedagogy, especially with regard to the teaching of dramaturgy. Specifically, we analyze the adaptation that the author himself made of one of his most famous plays: *O berço do herói* (1963), transforming it into a soap-opera (*Roque Santeiro*), with the aim of investigating how the knowledge of this dramaturgical operation can enrich the teaching of theater.

Keywords: Dias Gomes. Dramaturgy. *O berço do herói*. *Roque Santeiro*, Theater Pedagogy.

LISTA ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - O autor Dias Gomes	43
Imagem 2 - Lima Duarte, Regina Duarte e José Wilker em Roque Santeiro, da Rede Globo, 1985.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A VIDA E A OBRA DRAMATÚRGICA DE DIAS GOMES.....	14
3. ANALISANDO A PEÇA <i>O BERÇO DO HERÓI</i> E SUA ADAPTAÇÃO	29
PARA A TELEVISÃO	
3.1 <i>O berço do herói</i> - sinopse da peça	29
3.2 <i>O berço do herói</i> - contexto histórico da peça	32
3.3 <i>Roque Santeiro</i> – sinopse da novela	32
3.4 <i>Roque Santeiro</i> – contexto histórico da novela	36
3.5 Analisando as mudanças dramatúrgicas entre <i>O berço do herói</i> e <i>Roque santeiro</i>	38
4. A DRAMATURGIA DE DIAS GOMES TRABALHADA NA	44
PEDAGOGIA DO TEATRO	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6. REFERÊNCIAS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Um dos autores mais importantes do Brasil, o baiano Alfredo de Freitas Dias Gomes (1922-1999), ou simplesmente Dias Gomes, como ficou conhecido, tem uma vasta obra dramaturgica a ser trabalhada à luz da Pedagogia do Teatro, desde suas peças teatrais, que fizeram grande sucesso e lhe renderam diversas premiações, até suas novelas, que marcaram a história da teledramaturgia brasileira e caíram no gosto do povo, devendo ainda ser levada em conta sua rica passagem pelo rádio e as bem sucedidas adaptações de seus textos teatrais para o cinema.

O fato é que o autor fez sucesso por onde passou, com suas histórias recheadas de personagens heroicos marcantes, tramas bem amarradas, realismo fantástico, humor e, também, uma de suas principais características, ou talvez a sua maior de todas: a crítica social. Dias Gomes foi alvo, durante toda a sua vida, da Censura Federal, chegando a ter peças e novelas proibidas em noite de estreia, sofrendo demissões e perseguições devido às suas fortes opiniões políticas, refletidas por meio de personagens corruptos, ditadores e farsantes.

Odorico Paraguaçu, personagem que fez grande sucesso, protagonista da peça *Odorico, o Bem Amado* (1962), adaptada para a televisão pela Rede Globo - em novela (1973), e seriado (1979-1984) - e também para o cinema (2010), é um dos melhores exemplos da capacidade crítica do autor: esse personagem é um político nordestino, dono de uma lábia muito persuasiva, capaz de tudo para defender seus ideais, sendo sua principal promessa de campanha a construção e a inauguração de um cemitério municipal na fictícia cidade de Sucupira, cidade em que, curiosamente, não morre ninguém depois da posse de Odorico como prefeito.

Além da originalidade em criar histórias e personagens singulares, com dramas e questões um tanto curiosas, e inéditas para a época, Dias Gomes usou do realismo fantástico¹ para colocar nos seus textos a crítica social de maneira mais sutil, a fim de

¹ Realismo fantástico é um conceito aplicado a várias produções artísticas que misturam elementos da vida real, da fantasia e do sonho, de maneira harmônica. Na novela *Saramandaia* (1976), Dias Gomes fez grande uso do recurso, tendo personagens como: João Gibão, um rapaz que esconde um par de asas; Zico Rosado, que solta formigas pelo nariz; Marcina, uma jovem que, quando excitada, solta fogo por baixo das saias; Dona Redonda, que explode de tanto comer.

evitar a censura. Como, por exemplo, quando ele adaptou sua peça *O Berço do Herói* (1963) para a telenovela *Roque Santeiro*, em 1975, e mudou todo o contexto e o nome de seus personagens: as questões do heroísmo, em meio à Segunda Guerra, agora transformaram-se na questão dos milagres de um suposto santo da terra. No entanto, a crítica seguia a mesma, conforme veremos mais a fundo neste trabalho.

Mas, como a obra dramaturgica de Dias Gomes pode contribuir para o ensino do teatro e, especificamente, para o ensino da dramaturgia?

Esta pesquisa tem por objetivo principal investigar como a operação dramaturgica feita por Dias Gomes para a adaptação de sua peça *O berço do herói* para o gênero telenovela pode ser reaproveitada no âmbito da Pedagogia do Teatro com enfoque no ensino da dramaturgia.

Assim, apresentamos um breve estudo da vida de Dias Gomes e de sua obra dramaturgica, pontuando como suas experiências de vida podem ter reverberado em suas obras teatrais, nas temáticas abordadas e na crítica social e política presentes em praticamente todos os seus textos – característica das mais evidentes em seu estilo dramaturgico. Em seguida, trazemos uma análise um pouco mais aprofundada da peça *O berço do herói* e da novela *Roque Santeiro*, tomando essa adaptação do palco para a tela da televisão como principal objeto de estudo desta pesquisa. Examinamos a sinopse da peça e a da novela, o contexto em que a peça foi escrita e o da novela, na época de sua produção, e observamos as principais mudanças ocorridas, tendo como enfoque o processo de adequação do roteiro para um novo gênero, com a necessidade de desenvolver melhor o núcleo central e de criar outros, paralelos, chegando a mudanças mais radicais, como alteração dos nomes dos personagens, e do universo ficcional em que se passa a história.

A partir dessas análises e das conclusões a respeito da dramaturgia de Dias Gomes, e das operações utilizadas por ele nas adaptações para a televisão, veremos como este estudo pode contribuir para o campo da Pedagogia do Teatro, tendo por objetivo aprender mais sobre a escrita dramaturgica.

Para a comunidade acadêmica e para o Curso de Teatro/Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco, este trabalho tem uma importante contribuição no que tange ao ensino da dramaturgia, mais especificamente a dramaturgia feita a partir da adaptação de uma obra de acordo com a necessidade, o conceito e a proposta. Ou seja, tendo em conta que o professor de Teatro, muitas vezes, desempenha tarefas semelhantes às de um dramaturgista.

(...) nessa conceituação, dramaturgia diz respeito ao trabalho que apronta um texto para o palco - mesmo quando se trabalham textos que não foram originalmente pensados com tal finalidade. Em grande medida, essa tarefa de pensar caminhos que favoreçam a criação de poiesis teatral por meio de algum texto, ou mesmo a tarefa de pensar novas poéticas para peças teatrais consagradas, fazendo subir aos palcos aspectos distintos talvez daqueles pensados pelo autor, pelo dramaturgo, é o que caracteriza, pelo menos em parte, a função dos dramaturgistas. (REIS, Luís, 2021).

Apesar de o curso de Licenciatura em Teatro da UFPE ter uma considerável atenção para a dramaturgia, no sentido mais usual desse termo, o recorte de dramaturgia trabalhado nesta pesquisa ainda é uma área pouco explorada na jornada de formação proposta pelo Curso, e que merece uma maior valorização, partindo do princípio do quanto esse saber é importante para a boa atuação dos docentes de Teatro.

No que diz respeito ao ensino do teatro, e à formação de arte-educadores, esta pesquisa traz possíveis ferramentas que podem ser desenvolvidas e trabalhadas em sala de aula, notadamente para o ensino da dramaturgia, a partir de análises textuais e estruturais de obras como as de Dias Gomes, além de inspirar o interesse de alunos, para a produção de novas dramaturgias.

Com esta pesquisa, também, será possível expandir o conhecimento da obra de Dias Gomes, autor que abordou temáticas sensíveis em períodos difíceis da história recente do nosso país. Conhecer seus textos, seus personagens e sua destreza em fazer críticas sociais por meio deles, metaforicamente, proporciona um contato com uma maneira muito brilhante de escrever para teatro.

Como base teórica, no que tange à interpretação da obra dramaturgical dos Dias Gomes, foram tiradas ricas contribuições de Sábato Magaldi, que dedica um capítulo do seu livro *Moderna dramaturgia brasileira* (1998) para discutir sobre o teatro desse autor. Para os aspectos biográficos, nos guiamos no trabalho de pesquisa da Ana Maria de Medeiros intitulado: *Dias Gomes e a telenovela brasileira: o "nacional-popular" em O Bem-Amado, Saramandaia e Roque Santeiro*, do ano de 2016, e também tivemos como fonte de pesquisa o site Memória Globo que traz detalhes da carreira, curiosidades de bastidores e também depoimentos dados pelo próprio Dias Gomes. Já no que diz respeito à interface entre dramaturgia e Pedagogia do Teatro, nos orientamos, ainda que indiretamente, por referências evocadas pelo Prof. Dr. Luís

Augusto da Veiga Pessoa Reis, orientador deste trabalho, em seu projeto de pesquisa intitulado *Palavras que movem: as relações entre a dramaturgia e Pedagogia do Teatro na contemporaneidade*.

2. A VIDA E A OBRA DRAMATÚRGICA DE DIAS GOMES

Nascido em 19 de outubro de 1922, no bairro do Canela, na cidade de Salvador. Alfredo de Freitas Dias Gomes, que viria a ser mais conhecido como Dias Gomes, era filho do engenheiro Plínio Alves Dias Gomes e de Alice Ribeiro de Freitas Gomes. Dias Gomes ficou órfão de pai quando tinha apenas três anos de idade e, no ano de 1935, ele se muda com a família para o Rio de Janeiro. Ele tinha um irmão dez anos mais velho, chamado Guilherme. Após perder o pai, ele acaba tendo o irmão como principal referência e admiração.

Desde muito jovem, começou a despertar o gosto e a desenvoltura para a escrita, embora não fosse propriamente um bom aluno. Seu pai o havia apelidado de “Rompe-Rasga”, por estar o tempo todo correndo e quebrando coisas pela casa. Dias Gomes quando criança era rebelde e desobediente, deixava suas tarefas de lado para ir jogar futebol com os meninos na rua, comportamento que era repreendido pela sua mãe, um tanto elitista, que não admitia seu filho brincar e interagir com meninos de rua, quase sempre negros.

Sua educação primária foi no Ginásio Nossa Senhora das Vitórias, um colégio católico com educação rígida, que teve grande influência na relação de Dias Gomes com a religião. Rezar todas as noites Pai Nosso e Ave Marias antes de dormir foi um hábito que o garoto foi criando em virtude do colégio, além de ir à missa todos os domingos – o que lhe rendia uns pontos na média. Ainda nesse período, Dias Gomes desmaiou perante imagens de Santo Antônio e de Nossa Senhora, fato que o deixou por um certo período de tempo sem entrar novamente em uma igreja, traumatizado, pois ele acreditava que poderia desmaiar novamente. Até mesmo para o cumprimento de uma promessa feita pela sua mãe agraciada por Nosso Senhor do Bonfim – na qual fora prometido assistir uma missa em cada uma das igrejas de Salvador – ele sempre ficava na porta, se negando a entrar e a acompanhar a mãe. A promessa em questão era em ação de graças pelo seu irmão Guilherme – que já tinha se formado em Medicina – ter sido aprovado no exame para o exército no Rio de Janeiro. Aquele

fato da vida de Dias Gomes seria de grande inspiração para que ele escrevesse anos mais tarde a peça *O pagador de promessas*, que lhe rendeu diversos prêmios e grande reconhecimento, como veremos mais adiante.

Ainda menino, Dias Gomes é expulso do Ginásio Nossa Senhora das Vitórias, tachado de “indisciplinado”, de “sem conduta”, tendo desrespeitado autoridades do colégio. No entanto, o real motivo foi ele ter se negado a ir ao quarto do irmão Cândido – que tinha fama de pedófilo – para pegar um santinho. Dias Gomes responde ao superior com uma banana, e sua atitude desagrada profundamente. Um acontecimento como aquele vindo de um “servo de Deus”, e com um desfecho marcante em sua infância, faria com que Dias Gomes aos poucos fosse perdendo sua crença em Deus – traço que naturalmente vai reverberar em suas peças (MEDEIROS, 2016).

Numa tentativa de provar o valor de sua existência, Dias Gomes começa a desenvolver uma paixão pela escrita bem cedo. Tinha um enorme orgulho do seu irmão Guilherme, que era estudante de Medicina – mas que também escrevia contos e poemas. Aquilo foi determinante para que Dias Gomes logo começasse a escrever também. Na época, o irmão de Dias Gomes era amigo de Jorge Amado², Edilson Carneiro³ e Dias da Costa⁴. Juntos, eles se intitulavam a Academia dos Rebeldes, que seria contrária à Academia Brasileira de Letras, a mesma que seria ocupada anos depois por Jorge Amado e também pelo próprio Dias Gomes.

Aos 10 anos de idade, Dias Gomes escreveu seu primeiro conto, intitulado *As aventuras do rasga-rompe*, fazendo alusão direta ao apelido que lhe fora dado pelo seu pai. Nesse período, já se mostrava talentoso para o teatro, criava dentro do seio familiar pequenas esquetes, em que escrevia, atuava e dirigia. Vai tomando cada vez mais gosto pelo teatro.

Aos 15 anos, escreveu sua primeira peça de teatro, intitulada *A comédia dos moralistas*, premiada pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT) e pela União Nacional

² Jorge Leal Amado de Farias foi um escritor baiano, autor de romances mundialmente reconhecidos, como: *Capitães da areia*, *Gabriela*, *Tieta do Agreste*, *Dona Flor e seus dois maridos*.

³ Edilson de Souza Carneiro foi um escritor especializado em cultura afro-brasileira, sendo um dos maiores etnólogos brasileiros. Foi militante do Partido Comunista. Entre suas principais obras estão: *Antologia do negro brasileiro*, de 1950; *Candomblés da Bahia*, de 1948.

⁴ Dias da Costa foi um advogado, escritor português, político e jornalista. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Direito. Atuou como jornalista em Portugal e Espanha. Entre suas obras estão: *Concerto em Sol Maior* (1979), *Anamnese da Esperança e Outros Poemas* (1981), *Poetas alentejanos do século XX: Antologia* (1984).

dos Estudantes (UNE), no ano de 1937, sendo dois anos depois publicada pela Fênix Gráfica da Bahia. A peça, que era contextualizada no Carnaval, tinha como enredo uma família ultraconservadora que se despia de seu moralismo burguês ao usar máscaras. Nesse período, Dias Gomes já morava com a mãe no Rio de Janeiro, especificamente na pensão de dona Marieta. Seu irmão Guilherme trabalhava como médico do Exército e era quem sustentava a família. Ainda nesse tempo, seu irmão se casa e a pensão de dona Marieta muda de endereço para Copacabana, embora ele e sua mãe continuem morando nela e sendo sustentados pelo irmão Guilherme. Dias Gomes ingressa na Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, motivado pela ânsia de não ser mais uma despesa para o irmão. Lá, acreditava que teria casa, comida e um pouco de dinheiro, mas não demorou até perceber que estava enganado quanto às suas expectativas. Foi punido várias vezes devido à sua rebeldia. Encontrara servidão no lugar onde achava que iria encontrar liberdade. Depois de várias repreensões por comportamentos rebeldes, ele é aconselhado pelo coronel Setembrino a abandonar a carreira militar de forma voluntária, a fim de não ser preciso recorrer à sua expulsão.

Voltando para o Rio de Janeiro, Dias Gomes se sente frustrado por não ter levado adiante a carreira militar, embora se alegre com a ideia de ser livre novamente. Prepara-se para ingressar no Colégio Universitário, a fim de dar um sentido à sua vida mais uma vez. Chega a matricular-se no curso de Engenharia, se desencantando e partindo para as aulas de Direito, ainda no primeiro ano. Durante o governo de Getúlio Vargas, o então Ministro da Educação, Gustavo Capanema – o ministro que ficou mais tempo no cargo na história do Brasil –, fez uma reforma na educação que extinguiu o Colégio Universitário. O decreto feito pelo ministro causou revolta a vários estudantes, entre eles Dias Gomes, que organizou uma manifestação estudantil, chegando a ficar cara a cara com o Presidente Vargas – mas, no fim das contas, não deu em nada esse protesto.

Na faculdade, escreveu a peça *Esperidião - o professor de assobio*, que chegou a ser ensaiada pelo grêmio universitário, mas não foi encenada. Após passar três anos no curso de Direito, na Faculdade do Estado do Rio de Janeiro, abandona de vez a vida universitária e se dedica exclusivamente à dramaturgia. Aos vinte anos, motivado pelo filme *Cidadão Kane*, do cineasta norte-americano Orson Welles, escreve a peça *Dois sombras apenas*, tendo como inspiração o cotidiano da pensão em que morava. Escreveu também a peça *Ludovino*, uma comédia cuja história girava em torno do

casamento de uma menina de 18 anos com um senhor na faixa dos 70 anos. *Ludovino* não chegou a ser encenada na época, mas rendeu importantes contatos para Dias Gomes, entre eles Jayme Costa, um dos mais importantes atores-empresários da época. Rival de Procópio Ferreira. Jayme Costa chegou a ler o texto de Dias Gomes e, motivado a encená-lo, sugeriu algumas modificações, mas terminou não levando à frente esse projeto.

Em 1941, Dias Gomes escreveu, *Amanhã será outro dia*, criada no contexto da Segunda Guerra Mundial, com temas relativos a esse conflito. Leva essa peça para Jayme Costa, mas ele recusou encená-la, devido ao contexto ir contra suas ideologias getulistas. Também leva o texto para Procópio Ferreira, que *a priori* fica impressionado com o talento do jovem autor. No entanto, ele parece ter opiniões muito parecidas com as de Jayme Costa, e cria uma certa tensão em produzir a peça. Até porque, na época da Segunda Guerra, as pessoas buscavam entretenimento para rir, e o texto era um drama. Foi quando Procópio perguntou se Dias Gomes não teria uma comédia.

Foi então no ano de 1942 que Dias Gomes estreou no teatro de maneira profissional, com a comédia *Pé de cabra* – apresentada primeiramente para Jayme Costa, que decidiu abrir mão da peça, diante do interesse de Dias Gomes em produzi-la com Procópio. Encenada no Rio de Janeiro e em São Paulo, foi um sucesso, mesmo tendo sido adiada em uma semana pelos censores, que identificaram nela certo teor “marxista”, embora o próprio Dias Gomes tenha declarado na época que nunca havia lido uma linha sequer do filósofo Karl Marx⁵:

O DIP nota de rodapé tinha proibido a peça. Soube mais tarde que os censores do Estado Novo haviam considerado meu texto ‘marxista’. Juro por Deus que até então não havia lido uma só linha de Marx ou qualquer outro discípulo seu. (Veio daí o meu interesse posterior pelo marxismo). Não foi fácil absorver essa primeira estocada vibrada contra mim pela censura. Muitas outras eu absorveria mais tarde. Senti-me, pela primeira vez, no papel do cidadão indefeso diante do poder castrador do Estado, descobrindo o quanto era importante uma expressão denominada liberdade de pensamento e todo o significado de lutar por ela (GOMES, 1998, p. 67).

Na noite da estreia de *Pé de Cabra*, Dias Gomes foi ovacionado pela plateia, além de ter sido prestigiado por sua mãe e por seu irmão. A crítica teceu elogios, alegando que aquele autor seria, no futuro, um dos mais importantes da cena brasileira. Aquela noite marcou o início de uma parceria de sucesso com o ator

⁵ Karl Marx foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, jornalista, teórico político, e revolucionário socialista alemão. Foi o fundador do socialismo científico e desenvolvedor de uma teoria comunista que modificou os estudos sociológicos.

Procópio Ferreira, que abriria as portas com um contrato de exclusividade para Dias Gomes escrever seis peças, que foram: *Zeca Diabo*, *Doutor Ninguém*, *Um pobre gênio*, *Sinhazinha*, *Eu acuso o céu*, e *João Cambão*. Todas escritas no ano de 1943. Ainda no fim desse ano, finalmente a peça *Amanhã será outro dia* seria de fato produzida. No entanto, a alegria de Dias Gomes em poder ver seus textos sendo encenados seria comprometida diante da triste notícia da morte de seu irmão Guilherme.

Após a perda do irmão, a sua mãe volta para a Bahia, a fim de aliviar seu sofrimento. De lá, envia um recorte de jornal onde havia uma notificação do Ministério da Guerra, convocando Dias Gomes para integrar a Força Expedicionária Brasileira rumo à Itália para lutar contra o Eixo⁶. Já se preparando psicologicamente para lutar contra o inimigo na guerra, logo percebe-se que tudo não passara de um engano e que seu nome não estava na lista. Ainda nessa época, Procópio Ferreira encenava a peça *Zeca Diabo*, cujo personagem-título da obra era um cangaceiro que voltaria a aparecer em outros trabalhos de Dias Gomes, como na peça *O bem amado*, que fez grande sucesso também na televisão no formato de telenovela, e de seriado, e também no cinema.

No ano de 1944, é encenada também por Procópio Ferreira a peça *Doutor Ninguém*, que tinha como tema o preconceito racial. Ambientada na Bahia, o personagem principal era um médico negro, que recusa a oferta de pretendente de uma moça branca de família tradicional. A peça ficou marcada por uma grande polêmica. Na época, Dias Gomes não assistiu a nenhum ensaio e só conheceu o elenco na noite da estreia. E, para a sua desgostosa surpresa, viu que o personagem negro que ele criara estava sendo interpretado por um homem branco (Procópio Ferreira), e que o contexto do drama da personagem mudou de preconceito racial para preconceito de classes, já que na “adaptação” a recusa em se casar se dava agora não pela negritude do médico, mas pelo fato de ele ser filho de uma lavadeira. Dias Gomes chegou a protestar e ameaçar tirar a peça de cartaz, mas Procópio contra-argumentou, dizendo:

- Meu filho, existem dois tabus que você jamais conseguirá quebrar no teatro: todo negro tem de ser de condição inferior, todo padre tem que ser de uma bondade angelical (GOMES, 1998, p. 88).

⁶ Durante a Segunda Guerra Mundial, estiveram envolvidos dois grupos de países: os Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) e os do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), os países do Eixo foram os que deram início ao conflito, que aconteceu entre os anos 1939-1945.

Como era de se esperar, esse fato culmina na não renovação de contrato com Procópio Ferreira, chegando ao fim uma parceria de sucesso. Daí em diante, Dias Gomes se preocupa em conseguir um novo trabalho para sustentar a ele e a sua mãe. Então, no ano de 1944, a convite do dramaturgo Oduvaldo Vianna, e vai morar em São Paulo, onde estreia na Rádio Panamericana (atualmente Jovem Pan), que acabara de ser inaugurada. Lá, ele adaptou contos, romances e peças de teatro para o programa Grande Teatro Panamericano, além de escrever uma radiopeça por semana, atividade que fez por vinte anos.

Também não sei como consegui radiofonizar centenas de peças, contos, novelas da literatura universal. Trabalhei e vivi intensamente, sugando da vida tudo que ela me podia dar em prazeres inconsequentes (GOMES, 1998, p. 94).

A parceria que fez com Oduvaldo Vianna era uma relação quase de pai e filho, sendo Dias Gomes presença constante na casa de Oduvaldo em almoços e jantares, o que o levou a conhecer Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, como era conhecido no meio teatral. Este, por sua vez, torna-se grande amigo de Dias Gomes, tendo os dois laços que os faziam se identificarem ainda mais um com o outro, como a militância no Partido Comunista.

Naquela época, o rádio empregava muitas personalidades artísticas como atores, atrizes, escritores e comunicadores que viriam a se tornar grandes estrelas nacionais com a chegada e com a popularização da televisão, como: Hebe Camargo, Silvio Santos, Cassiano Gabus Mendes, Walter George Durst, Laura Cardoso, Walter Avancini, Lima Duarte, Mário Lago, Paulo Goulart, entre outros.

Com a venda da Rádio Panamericana, Oduvaldo Vianna segue para Emissoras Associadas, e leva consigo Dias Gomes, que passa a trabalhar na Rádio Tupi-Difusora, apresentando *A vida das palavras*, programa diário que tinha folclore, teatro, música, poesia etc.

Foi trabalhando nas Emissoras Associadas que Dias Gomes conheceu Janete Emmer, que ficou mais famosa pelo nome artístico de Janete Clair. Dias Gomes foi casado com a também escritora e romancista Janete, com quem teve três filhos: Alfredo Guilherme Dias Gomes, Denise Emmer, e Marcos Plínio, já falecido. Os dois oficializaram a relação em março de 1950, se mudando para o Rio de Janeiro logo após.

Janete Clair nasceu em 1925, em Conquista, Minas Gerais. Começou a carreira

como datilógrafa em um laboratório, mas logo resolveu se mudar para São Paulo e foi trabalhar como radioatriz e locutora na Rádio Tupi-Difusora. Foi nos corredores da rádio que conheceu Dias Gomes. Escreveu mais de 30 radionovelas, quase todas para a Rádio Nacional, iniciando em 1956, com *Perdão, meu filho*.

No ano de 1967, depois de finalizar sua novela *Paixão proibida*, na Rede Tupi, com grande sucesso, Janete Clair é chamada às pressas por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, diretor de operações da Rede Globo, para salvar o horário que estava exibindo a problemática novela *Anastácia, a mulher sem destino*, de autoria do inexperiente Emiliano Queiroz. A Globo contratou a novelista oferecendo um salário três vezes maior. A história se passava na França antiga, contava a história de Anastácia, baseada em *A toutinegra do moinho*. A personagem título fugia com as filhas recém-nascidas para o Castelo de Monforte depois de seu marido, que lutava contra a monarquia vigente, ser preso na fuga. Vítima de uma emboscada, Anastácia é separada de sua filha, que acaba sendo criada por um casal de camponeses. O texto tinha uma linguagem erudita, além de contar com um grande número de personagens. O público rejeitou a história. Janete Clair assume a produção e resolve provocar um terremoto na novela, matando mais de 100 personagens, e dando um salto de 20 anos na história. Apesar das mudanças, a audiência não teve o efeito positivo esperado pela emissora, que perdeu a liderança para a Rede Tupi. A trama se encerra com 125 capítulos, com inúmeros problemas que lhe renderam mais tarde o título de “pior novela da Globo”. No entanto, a habilidade de escrever de Janete Clair lhe rendeu prestígio na emissora. Após *Anastácia*, Janete Clair emplacou grandes sucessos que entraram para a história da teledramaturgia brasileira, como: *Sangue e areia* (1967), protagonizada por Tarcísio Meira; *Véu de noiva* (1969), marcando a estreia de Regina Duarte na Globo; *Irmãos Coragem* (1970), que chegou a registrar índices de audiência maiores que os dos jogos do Brasil na Copa do Mundo do México; e *Selva de pedra* (1972), novela que registrou a maior audiência da história da televisão brasileira.

Entender quem foi Janete Clair, e conhecer um pouco da sua brilhante carreira como escritora, nos faz conhecer ainda mais como foi a carreira do próprio Dias Gomes. Nas décadas de 1970 e 1980, por exemplo, ambos escreveram muitas peças, e principalmente novelas de sucesso para a Rede Globo, cada qual com seu estilo. Enquanto Janete Clair buscava tramas mais realistas, próximas do cotidiano popular (o que foi considerado um estilo inovador na época em que a maioria das novelas

eram do estilo 'capa e espada'), Dias Gomes abordava questões políticas, quase sempre utilizando de metáforas, de realismo fantástico e de humor em suas produções, como veremos melhor no desenrolar desta pesquisa. É bem provável que a convivência de três décadas de casamento tenha provocado muitas inspirações de um para o outro, direta e indiretamente, influenciando em cada qual sua maneira de escrever, de imaginar e de desenvolver temáticas, histórias e personagens marcantes.

Voltemos, porém, ao período do final da década de 1940, quando Dias Gomes ainda trabalhava em seu programa *A vida das palavras*, na Rádio Tupi-Difusora, de onde é demitido por questões políticas no ano de 1948, e se transfere para a Rádio América. Logo depois, vai para a Rádio Bandeirantes, onde passa a ocupar o cargo de direção artística, escrevendo programas como: *Aventura musical*, e *Sonho e fantasia*. No mesmo período, Dias Gomes também publicou vários romances: *Duas sombras apenas* (1945); *Um amor e sete pecados* (1946); *A dama da noite* (1947); e *Quando é amanhã* (1948).

Dias Gomes passa, então, a trabalhar como diretor na Rádio Tupi, na Rádio Tamoio e na Rádio Clube. No entanto, em abril de 1953, depois de uma viagem feita com uma delegação de escritores para a comemoração do Primeiro de Maio, na União Soviética, Dias Gomes vê estampado em uma manchete do jornal Tribuna da Imprensa: "Diretor da Rádio Clube leva flores para Stálin com dinheiro do Banco do Brasil". Anos depois, o próprio Dias Gomes chegou a declarar que tudo não passava de sensacionalismo: "Nem as flores eram para Stalin, que nem tinha túmulo na época, nem o dinheiro era do Banco do Brasil e sim de um agiota, companheiro de partido, que soube lhe cobrar todo o valor com juros" (GOMES, 1998, p. 146).

Depois daquele dia, Dias Gomes passa a integrar uma lista de autores proibidos, e durante nove meses ele escreve e assina seus textos sob pseudônimos. Passado um tempo, ele é contratado pela Rádio Nacional, trabalhando como diretor artístico. Voltou a escrever peças para o teatro nesse período, e chega a mandar o primeiro ato escrito de *Os cinco fugitivos do júízo final* para Jayme Costa ler. Era época do governo de Juscelino Kubitschek e o teatro estava vivendo uma renovação:

O desenvolvimentismo juscelinista, carregado de forte nacionalismo, valorizando o produto nacional [...], favorecia o nascimento de uma dramaturgia brasileira, com raízes fincadas em nossa realidade e sobretudo ambiciosa por sua proposta estética e pela qualidade de seus textos (GOMES, 1998, p. 166).

É nesse período que os teatros brasileiros estavam sendo tomados por encenações de grandes produções dramatúrgicas como: *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri; e *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna Filho. No fim da década de 1950, Dias Gomes se prepara para escrever a peça que viria a dar uma guinada em sua carreira e o consolidar de vez como escritor de teatro: *O pagador de promessas*. Obra que também deixaria ainda mais evidente o seu estilo de criar histórias, personagens e sua capacidade de fazer críticas sociais por meio deles.

A história de *O pagador de promessas* gira em torno de Zé do Burro, um simples agricultor, ingênuo, mas que era um homem de muita fé. A primeira cena do texto o mostra carregando uma pesada cruz sob os ombros em carne viva, acompanhado de sua mulher Rosa, em direção à Igreja de Santa Bárbara, na cidade de Salvador. Depois de um raio ter caído e derrubado um tronco de uma árvore em cima de seu burro Nicolau, deixando o animal gravemente ferido, Zé do Burro se vê desesperado em salvar seu amigo de qualquer forma, recorrendo a remédios caseiros a partir de crenças populares, e até aos cuidados mais técnicos do médico veterinário. Vendo que nada dava jeito, ele é orientado a fazer uma promessa para Iansã num terreiro de Candomblé. Iansã seria a versão no Candomblé de Santa Bárbara. O burro melhora, e ele, feliz da vida, decide cumprir com sua promessa, que era doar metade de suas terras aos pobres, e carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo até uma igreja de Santa Bárbara, a fim de deixar a cruz aos pés da imagem da santa no altar. Tudo parecia estar a favor de Zé do Burro para o cumprimento de sua promessa, porém, com o desenrolar da história, vários impedimentos surgem pelo caminho, dificultando o seu objetivo. Um deles vinha do padre Olavo, que tinha achado uma heresia a promessa feita em prol da recuperação de um burro, além de considerar um grande desrespeito para a Igreja Católica a promessa ter sido feita em um terreiro de Candomblé. O outro se deu logo após sua esposa, Rosa, que, revoltada com tamanha devoção do marido em cumprir a promessa a troco de cansaço físico e de humilhações, acaba caindo nos encantos do malandro Bonitão, que vê na beleza de Rosa uma maneira de tirar proveito para si, com a possibilidade de explorá-la, assim como faz com a companheira Marli, uma prostituta que o sustenta.

Durante todo o enredo, vários outros personagens aparecem, cada um representando uma esfera da sociedade, e cada um interpretando a promessa de Zé do Burro da maneira que lhe convém. O jornalista vê na promessa exagerada de Zé

do Burro uma oportunidade de se promover em cima dos mais pobres, visando entrar na política. Outros tiram proveito da imensa repercussão do caso na imprensa, beneficiando-se também a iminente festa de Santa Bárbara, para enriquecer nas suas atividades comerciais. Em um dado momento, o Bispo da Diocese do padre Olavo vem ao encontro de Zé do Burro e diz, perante uma multidão, que ele como representante de Deus, lhe dá o aval para que ele abandone a promessa e possa seguir em paz, optando por outra promessa. Zé do Burro se vê tentado, mas para a frustração do líder religioso, ele se nega a aceitar a proposta e diz que só sairá de lá cumprindo tudo conforme havia prometido. Ao final, em entrevista orquestrado por Bonitão, um conflito entre a polícia e Zé do Burro, e mais uns capoeiras que tentam livrá-lo de ser preso, termina em desgraça com um tiro matando o personagem para dentro da igreja por uma multidão revoltada.

No livro lançado pela editora Bertrand Brasil, com o texto original de *O pagador de promessas*, Dias Gomes diz o seguinte, em uma “Nota do Autor”:

(...) mas o que nos interessa não é o dogmatismo cristão, a intolerância religiosa - é a crueldade de uma engrenagem social construída sobre um falso conceito de liberdade. Zé do Burro, por definição, é um homem livre. Por definição, apenas. O que nos importa é a exploração de que ele é vítima - exploração que constitui também um dos alicerces da sociedade em que vivemos. (DIAS GOMES, 1960, p.16)

Logo quando foi escrita, *O pagador de promessas* recebeu o Prêmio Nacional de Teatro, a mais importante distinção à época no quesito dramaturgia. A peça foi encenada em São Paulo, pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), dirigida por Flávio Rangel. Foi encenada também no Rio de Janeiro, sendo a obra responsável por projetar Dias Gomes nacionalmente como dramaturgo, além de ter sido traduzida para vários outros idiomas. O autor finalmente estava recebendo o tão sonhado reconhecimento pela sua paixão de viver e de escrever para o teatro.

A história de Zé do Burro ganha uma adaptação para o cinema feita pelo próprio autor. Dirigido por Anselmo Duarte, o longa-metragem recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, no ano de 1962, mesmo ano em que a peça *A invasão* recebeu o Prêmio Cláudio de Sousa, da Academia Brasileira de Letras.

O pagador de promessas também ganhou adaptação para a televisão, em uma minissérie de 12 capítulos pela Rede Globo, no ano de 1988, sendo reduzida para 8 capítulos devido às questões polêmicas contidas na obra, com temas como a reforma agrária, por exemplo. Os principais papéis foram interpretados por José Mayer, Denise

Millfont, Walmor Chagas, Joana Fomm e Nilson Xavier, respectivamente como: Zé do Burro, Rosa, padre Olavo, Marli e Bonitão.

Em 1961, Dias Gomes escreveu *A revolução dos beatos*, que se mostrou, para a surpresa do autor, um verdadeiro fracasso de público. É nessa mesma época que ele começa a escrever *Odorico – o bem amado*, peça que faria tanto sucesso e que seria adaptada anos depois para a televisão no formato de telenovela no ano de 1973 pela Rede Globo, sendo a primeira novela a cores da história da televisão brasileira.

Inspirado por um caso que ouviu do cantor Jorge Goulart que se apresentara em uma cidade do Espírito Santo, e teve conhecimento de que o prefeito dali havia construído um cemitério, porém, não o pudera inaugurar porque não houve nenhuma morte. Dias Gomes decide criar a peça que inicialmente se chamava *Odorico, o bem amado ou Os mistérios do amor e da morte*, que seria encenada pela primeira vez no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em São Paulo, porém foi recusada pelo diretor Flávio Rangel.

Tanto na peça *Odorico, o bem amado* (1962), como na telenovela *O bem amado* (1973), a história girava em torno do “bem amado” Odorico Paraguaçu, candidato a prefeito da fictícia cidadezinha do interior da Bahia chamada Sucupira. Odorico vence as eleições e constrói o prometido cemitério que, segundo ele, seria um grande feito para o povo sucupirense – ainda que os recursos para a construção daquela obra tenham vindo de desvios de áreas mais urgentes como água e energia elétrica, segundo o alerta do seu fiel secretário Dirceu Borboleta.

Para provar a utilidade pública de sua principal benfeitoria política, Odorico precisa inaugurar o cemitério. No entanto, o tempo passa e ninguém morre na cidade. Inúmeras são as tentativas de conseguir um defunto para acabar com aquela situação em que o prefeito se encontrava, entre as principais: trazer o primo Ernesto, parente das correligionárias de Odorico, as irmãs Cajazeiras, que estava desenganado pelos médicos, mas ele se recupera quando chega à Sucupira; ou mandar trazer de volta à cidade um pistoleiro perigoso conhecido por Zeca Diabo, que ao voltar para a cidade natal a pedido do prefeito, se mostra um homem pacífico, temente a Deus e disposto a nunca mais matar. Depois de várias reviravoltas, Odorico planeja um atentado a sua própria vida a fim de ganhar de volta o prestígio perdido, dada a inutilidade de sua principal obra na cidade, o cemitério nunca inaugurado. Sendo assim, ele pede que Zeca Diabo participe da mentira e simule a situação. Porém, o pistoleiro, após se sentir traído pelo prefeito, atira verdadeiramente em Odorico, que cai morto. E assim o

cemitério de Sucupira passa a ser inaugurado pelo próprio prefeito que tanto lutou por um defunto.

Para a novela *O bem amado*, Dias Gomes precisou criar novos personagens e situações, que entraram em cena e marcaram a teledramaturgia brasileira. Entre eles, o pescador Zelão das Asas, que tem uma promessa de pular da torre da igreja com um par de asas feitas por ele mesmo. Na peça ele é apenas citado. Dias também criou a personagem de Telma Paraguaçu, filha de Odorico, que tem uma difícil relação com o pai e que piora quando ela se envolve com um de seus principais inimigos, o médico Juarez Leão, personagem que dificulta a vida e os planos do prefeito em conseguir um defunto. Os papéis de destaque foram interpretados por: Paulo Gracindo, como o inesquecível Odorico; Lima Duarte, como o matador Zeca Diabo; Zelão das Asas, por Milton Gonçalves.

Devido ao enorme sucesso da novela e à popularidade dos personagens, a Globo decidiu reviver o universo de Sucupira e estreou, em 1980, o seriado *O Bem Amado*, também escrito por Dias Gomes, que ficou no ar até o ano de 1984. No primeiro capítulo da série, Odorico que tinha morrido no final da novela, ressuscitava de sua cova para continuar na sua incansável busca por um defunto e inaugurar seu cemitério. No ano de 2010, o diretor Guel Arraes foi o responsável pelo longa-metragem baseado na peça *Odorico, o bem amado*.

Voltando um pouco no tempo, ao período do golpe militar de 1964, a divulgação de nomes dos comunistas da Rádio Nacional obrigou Dias Gomes a se refugiar em apartamentos de amigos e logo depois em uma fazenda de um colaborador. Com o endurecimento do regime militar, Dias Gomes se viu cada vez mais perseguido, indignado com as constantes repressões da época. *O santo Inquérito* nasce nesse período, com o objetivo de denunciar as posturas repressivas e ditatoriais, a censura à liberdade de expressão, as mortes e torturas, todas promovidas pelo governo na época.

Mesmo tendo várias de suas peças produzidas no exterior, as perseguições pelo regime autoritário são constantes e Dias Gomes se vê na difícil fase no teatro. Em 1969, aceita o convite de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, e começa a trabalhar na Rede Globo, lugar onde se consagraria como um dos maiores autores de telenovelas do país. Devido às constantes perseguições que sofria, escreveu sua primeira novela sob o pseudônimo de Stela Calderón. Dias Gomes foi indiciado em cinco Inquéritos da Polícia Militar (IPM), um referente à Rádio Nacional, outro referente

ao Partido Comunista, o da imprensa comunista, e os outros que ele nem sequer tinha conhecimento de onde vinham.

Não só no teatro Dias Gomes sofreu com a censura, mas também na própria televisão. Na época da exibição de *O bem amado* (1973), por exemplo, todos os capítulos editados eram enviados e checados com antecedência pelos órgãos responsáveis, que os poderiam aprovar ou não. Um dos exemplos de alteração necessária diante da intervenção dos censores foi o corte das palavras “coronel” e “capitão”, recorrentemente utilizadas por Odorico e Zeca Diabo para se referirem um ao outro. Os militares viam o uso dos termos de maneira negativa no enredo, já com tudo gravado, a solução foi apagar o áudio em que essas palavras eram proferidas.

Mesmo desligado do Partido Comunista, Dias Gomes continua sendo tachado de subversivo pelos censores e a novela *Roque Santeiro* (1975) é proibida na noite de estreia, somente podendo de fato ir ao ar dez anos depois.

Um fato curioso aconteceu na época dos capítulos finais de sua terceira novela na Globo, *Assim na terra como no céu*. Na época, Dias Gomes utilizou um recurso que seria utilizado em várias novelas por diversos autores, e na maioria dos casos com o sucesso e a repercussão que cabiam, que foi o famoso esquema do “quem matou?”. Durante os capítulos em que se desenrolava todo o suspense por trás do misterioso assassino da personagem Nívea, Dias Gomes é intimado pelo Comando do Primeiro Distrito Naval para responder a mais um IPM. O autor tentou argumentar junto com seu advogado a impossibilidade de comparecer devido à grande sobrecarga de trabalho, no entanto não houve negociação. Chegando ao encontro do capitão da Marinha, a abordagem dele foi:

— O senhor me pediu para adiar o depoimento. Eu resolvi atender seu pedido. Mas tem uma condição. O senhor vai me dizer quem matou Nívea, porque minha mulher disse que se eu não conseguir arrancar do senhor essa confissão, eu não entro em casa.

Relaxe de vez. Não me lembrava que estava no Brasil, país em que a farsa convive com os lados mais dramáticos de sua história. Estufei o peito; o surrealismo da situação justificava até um atrevimento.

— Isso eu não confesso nem sob tortura (GOMES, 1998, p. 261).

Após 33 anos de casamento com Janete Clair, Dias Gomes ficou viúvo em decorrência de um câncer que vitimou a novelista no ano de 1983. Ele foi chamado para supervisionar os capítulos finais da novela, *Eu prometo*, último trabalho de sua esposa, que ficou inacabado, ajudando a então autora estreante na época, Glória

Perez, que ficou a cargo de terminar a obra da qual era colaboradora.

Depois desse período, Dias Gomes passou a se dedicar a trabalhos de menor investimento pessoal, como foi o caso da novela *Mandala*, em (1987), em que escreveu apenas os primeiros 20 capítulos junto com Marcílio Moraes, que deu continuidade ao trabalho com Lauro César Muniz. A trama era uma livre adaptação da tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*, tendo Felipe Camargo e Vera Fischer nos papéis de Édipo e Jocasta. A partir daí, Dias Gomes assina apenas obras de menor duração, como séries e minisséries na televisão. Ainda em 1985, ele se casa novamente, agora com a atriz Bernadeth Lyzio, com quem teve as filhas: Mayra Dias Gomes (escritora), e Luana Dias Gomes (cantora).

No ano de 1991, concorrendo com Gilberto Mendonça Teles⁷, Dias Gomes passa a ocupar a cadeira de número 21 na Academia Brasileira de Letras. Apesar de todo o prestígio que era fazer parte da Academia, Dias Gomes acreditava, durante sua juventude, que jamais faria parte dessa instituição: “Todo jovem intelectual de esquerda julga-se na obrigação de ser contra a Academia. Diria até que escritor de esquerda que nunca contestou a Academia ou nunca foi jovem, ou nunca foi de esquerda” (GOMES, 1998, p. 352).

Ainda no finalzinho de 1990, volta a se dedicar às novelas, dessa vez em parceria de Ferreira Gullar e Lauro César Muniz. Eles escrevem *Araponga*. Ela seria a substituta da novela das oito na época, *Rainha da Sucata*, mas acabou sendo remanejada para uma nova faixa de novelas, às nove e meia da noite, numa tentativa estratégica da Rede Globo de tentar conter os telespectadores que nesse horário estavam migrando para a Rede Manchete, devido o fenômeno de audiência da primeira versão da novela *Pantanal*. A estratégia foi em vão e a faixa foi descontinuada após a novela. Em 1996, Dias Gomes repete a parceria com Ferreira Gullar e produz uma micronovela, com o título de *O fim do mundo*, que tinha somente 35 capítulos, encomendada devido aos atrasos nas gravações de sua substituta no horário que seria *O Rei do Gado*. No mesmo período, é chamado para supervisionar a segunda versão de *Irmãos coragem*, novela de sua falecida esposa Janete Clair, produzida agora com a colaboração de Marcílio Moraes.

⁷ Gilberto Mendonça Teles, nascido em 1931, em Bela Vista, Goiás. É professor, ensaísta e crítico literário, sendo também um dos poetas mais reconhecidos e premiados da atualidade. Tem diversos trabalhos sobre o estudo do modernismo e a vanguarda na poesia. Foi eleito em 2002 o “Intelectual do Ano”, recebendo o Prêmio Juca Pato.

Em 1998, Dias Gomes escreveu a sua autobiografia, intitulada *Apenas um subversivo*, publicada pela editora Bertrand Brasil. O seu último trabalho na Rede Globo foi no mesmo ano, quando assinou a minissérie *Dona Flor e seus dois maridos*, inspirada na obra de Jorge Amado.

Na madrugada de 18 de maio de 1999, o táxi em que estava se chocou com um ônibus, na Avenida 9 de Julho, em São Paulo. Dias Gomes morreu aos 76 anos, vítima desse acidente.

3. ANALISANDO A PEÇA O BERÇO DO HERÓI E SUA ADAPTAÇÃO PARA A TELEVISÃO

Neste capítulo, focamos na peça teatral *O berço do herói*, de Dias Gomes, que foi adaptada para o gênero telenovela pela Rede Globo, com o título de *Roque Santeiro* (1985). Apresentamos a sinopse da obra como peça teatral e como telenovela. Após a explanação do enredo principal, fizemos uma análise de quais foram as mudanças feitas na história, a partir da adaptação para o gênero telenovela. Destacaremos principalmente os fatores que levaram Dias Gomes a realizar determinadas mudanças em seu texto, como, por exemplo, a alteração de todo o contexto histórico, e alteração dos nomes e dos perfis de alguns personagens de *O berço do herói* para *Roque Santeiro*; como também a necessidade de expandir e de desenvolver alguns núcleos paralelos, objetivando aumentar o texto para atender ao gênero telenovela, que geralmente demanda uma maior duração. Feita essa análise, iremos, no capítulo seguinte, observar como as alterações no texto dramático feitas por Dias Gomes podem contribuir para os estudos de dramaturgia, à luz da Pedagogia do Teatro.

3.1 *O berço do herói* - sinopse da peça

Escrita em 1963, e dividida em dois atos, *O berço do herói* conta a história do Cabo Jorge, um jovem pracinha, que é convocado pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar contra a Alemanha nazista de Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. No campo de batalha, Cabo Jorge é dado como morto, após ter tido um surto de nacionalismo e ter atacado a linha inimiga. Sem ter o corpo localizado, logo seu ato de heroísmo enche de orgulho a sua terra natal, uma fictícia cidadezinha no interior do Brasil.

A coragem de Cabo Jorge, morto lutando na guerra, acaba por trazer à sua cidade um grande reconhecimento nacional, devido à repercussão do acontecido, o que faz com que as autoridades do local usufruam do “orgulho” que têm de seu “herói”, para fazer prosperar ainda mais aquele município. A cidade, então, muda de nome para Cabo Jorge. Até mesmo o batalhão de que fazia parte, em uma homenagem ao pracinha, passa a se chamar Batalhão de Infantaria Cabo Jorge. Uma estátua bem grande, representando o herói militar com o corpo crivado de balas, é erguida na praça principal. Medalhas são confeccionadas com a face de Cabo Jorge, fotos de quando ele era criança são vendidas, dentre outras “reliquias”, que também passam a ser

vendidas, com a informação de que teriam pertencido ao falecido. O comércio da cidade cresce com a saga do Cabo Jorge. Turistas de vários lugares vêm para conhecer as histórias em torno daquele mito que se criou, acreditando até numa possível espiritualidade santa, que abençoa e dá sorte a todos os que nela acreditam, como se vê neste trecho da peça:

MULHER GRÁVIDA

Vosmecê não tem uma relíquia, um pertence qualquer que tenha sido de Cabo Jorge? Diz que dá sorte pra quem está de bobó...

ANTONIETA

Tenho não. Aqui é só bilhete pra tômbola. Mas a senhora procure por aí que encontra. Já venderam tanto amuleto feito da farda do falecido, que se juntassem tudo dava pra fardar todo o Exército Brasileiro (GOMES, 1963, p.30).

O prefeito, Silveirinha, na condição de líder político, tira proveito do desenvolvimento econômico da cidade. No entanto, é o major Chico Manga quem de fato manda e desmanda no município e que sai como o maior beneficiário do mito do Cabo Jorge – como, por exemplo, pela construção de uma estrada de acesso à capital que passa pelas suas terras, valorizando-as.

Na história, também existe a personagem da viúva de cabo Jorge, Antonieta, viúva que, de fato, “era sem nunca ter sido”. Isso porque ela é na verdade uma amante de Chico Manga. Ele, por sua vez, providencia uma certidão de casamento falsa, constando que Antonieta era mulher do herói Cabo Jorge. O plano tinha por objetivo trazê-la – que era na verdade sua amante – para mais perto dele. E, conseqüentemente, a “personagem” da viúva do herói se mostrou mais um atrativo turístico para a cidade de Cabo Jorge. Muitos dos turistas que vinham de longe faziam questão de conhecer a viúva de tão importante homem. E ela aproveitava para vender numa barraquinha diversos artefatos como relíquias do falecido herói.

Com o desenvolvimento da cidade, até mesmo um bordel estava trazendo prosperidade para a economia local. Matilde, a dona do estabelecimento, estava lucrando alto – tudo isso, claro, sob a autorização do amigo major Chico Manga, que conseguiu com sua influência convencer o Vigário a dar uma concessão para o movimento do bordel, que era para ele uma blasfêmia. Cético, o Padre também não levava muito a sério todo o endeusamento ao mito do Cabo Jorge, apesar de ser também um dos beneficiários da economia advinda do “herói”.

Tudo parecia correr bem em Cabo Jorge, até que, anos depois, uma visita inesperada poria tudo a perder. Acontece que o Cabo Jorge não havia morrido como herói na guerra, assim como todos acreditavam. Ele na verdade tinha desertado, fugido da luta. O suposto ato de coragem que tanto inspirou histórias de bravura, na verdade não tinha passado de uma grande covardia, abandonando o combate e vivendo por anos, sendo cuidado por uma alemã. Depois de muitos anos, quando Cabo Jorge volta para sua terra natal, ele estranha o desenvolvimento da cidade, mas não suspeita de onde tenha vindo tanta riqueza. Abordado por Matilde, a cafetina, ele se hospeda no bordel e decide voltar para a casa de Chico Manga, que é seu tio. Chegando lá, ele encontra Antonieta, a sua “viúva”, ela o reconhece prontamente e fica sem entender nada a princípio. Ele conta sua versão da história, afirmando de maneira escrachada o seu ato de vergonha, por ter desertado. Ela, por sua vez, não esconde seu constrangimento, ao contar a versão corajosa da história que todos acreditaram por anos e que teria feito a cidade crescer e se desenvolver tanto economicamente. Já sabendo da volta do Cabo Jorge, o major Chico Manga, o padre, o prefeito Silveirinha e a “viúva” Antonieta se encontram em um dilema: contar a verdade da volta do Cabo Jorge para a cidade ou não?

Cabo Jorge demonstra felicidade em voltar para casa. Disposto a ficar de vez, e se divertindo com todo aquele mito em torno da falsa história envolvendo seu sumiço na guerra, ele decide contar toda a vergonhosa verdade. No entanto, o major Chico Manga e todos os demais entendem que contar a verdade para toda a cidade representaria o fim do progresso, do desenvolvimento e da prosperidade da cidade. O major, junto com os outros, até tentam apelar ao bom senso do Cabo Jorge, explicando as terríveis consequências que a verdade iria trazer para todos os comerciantes que vivem em torno de seu mito. Pensaram até na possibilidade de Cabo Jorge mudar de identidade, e ir embora para sempre dali. No entanto, não há negociação e o Cabo Jorge teima que ficará de vez em Cabo Jorge, a cidade.

Sem conseguir chegar em um acordo, O major Chico Manga, em cumplicidade com o prefeito, com o Padre, com Matilde e com Antonieta, chega à conclusão de que o melhor a fazer seria dar um fim no Cabo Jorge, para que ele não prejudique o desenvolvimento e o progresso da cidade, e não coloque em risco a reputação e a imagem dos poderosos da cidade. Muito bem orquestrado, o plano consistia em levá-lo para o “Castelo de Matilde”, nome popularmente dado ao cabaré da cidade, e lá, com ele embriagado e encantado pelas mulheres, seria efetuado o crime.

3.2 O berço do herói - contexto histórico da peça

A primeira encenação de *O berço do herói* deveria ter acontecido no ano de 1965, no Teatro Princesa Isabel, no Rio de Janeiro. No entanto, na noite em que aconteceria a estreia, os militares proibiram que a encenação acontecesse. No ano seguinte, Dias Gomes chegou a adaptar o texto para a produção de um filme, chegou até a iniciar a produção do roteiro; porém, mais uma vez, o projeto acabou sendo vetado pelos militares.

Sua estreia mundial só aconteceu, de fato, nos EUA, em 1976, no teatro “The Playhouse”, do Departamento de Teatro e Cinema da Pennsylvania State University.

O texto da peça é dividido em dois atos, tendo treze quadros (segundo a versão do texto original publicada pela Editora Bertrand Brasil em 2015).

3.3 Roque Santeiro – sinopse da novela

A história da novela *Roque Santeiro* se passa na fictícia cidade de Asa Branca, um município que vive e prospera em função de um mito: o do “santo milagreiro” Roque Santeiro.

Luís Roque Duarte, papel desempenhado pelo ator José Wilker, era o nome do jovem coroinha que fazia santos de barro: um rapaz muito dedicado à religião e muito estimado por todos na cidade. Um dia, a cidade de Asa Branca sofre um ataque por um grupo de bandidos liderados pelo temido Navalhada. Eles saquearam toda a cidade, restando apenas a igreja, que é para onde agora o bando se dirige. No entanto, Luís Roque Duarte se coloca em prontidão para defender a igreja do ataque. É aí que começa a sua lenda. Segundo acreditam os cidadãos asabranquenses, Roque teria defendido a igreja do bando de Navalhada, sacrificando a vida, caindo ao chão com o corpo crivado de balas. Um corpo foi encontrado sem cabeça e com o gibão que era usado por Roque, o que não deixou dúvidas quanto a sua morte.

Anos depois, a cidade de Asa Branca, que tinha agora uma grande estátua com a figura do santo na praça principal, havia crescido e prosperado com as romarias ao seu mártir Roque Santeiro. Milhares de fiéis vinham de todo o Brasil em busca de

curas, milagres e proteção do santo. Medalhinhas com sua face esculpida, fotos, artefatos abençoados, ofertas e promessas, tudo isso vinha aquecendo a economia do município, para a felicidade dos poderosos: o prefeito Florindo Abelha (Ary Fontoura), o comerciante Zé das Medalhas (Armando Bógus), o pecuarista Sinhozinho Malta (Lima Duarte) e a ferosa viúva Porcina (Regina Duarte). Até mesmo o padre Hipólito (Paulo Gracindo), que não acreditava na santidade de Roque e achava tudo aquilo uma grande blasfêmia, também lucrava muito com aquela história.

Como toda cidade do interior, Asa Branca tinha uma infinidade de senhoras beatas, todas devotas do Santo Roque, extremamente conservadoras, lideradas pela primeira dama do município, dona Pombinha Abelha (Eloísa Mafalda). Porém, o progresso trazia para Asa Branca a cafetina Matilde (Yoná Magalhães), dona de uma pensão, que planejava abrir a primeira boate na cidade, a *Sexus*. De nada valia a autoridade do prefeito ou do padre, se quem mandava e desmandava em tudo era Sinhozinho Malta e a viúva Porcina, que “era sem nunca ter sido”.

Dezessete anos depois da suposta morte de Roque Santeiro, numa noite chuvosa, Luís Roque Duarte volta para Asa Branca, agora rico, inteligente e maduro, disposto a se resolver com o seu passado. O corpo encontrado degolado com o seu gibão fora de um de um pobre diabo que tinha sido vestido pelo próprio Roque, que sentiu compaixão de sua condição. E a história de ter defendido a igreja do ataque do bandido Navalhada também era falsa: a verdade é que o turíbulo de ouro fora roubado pelo próprio Roque. Ou seja, além de não ser o santo milagreiro em que todos acreditavam fervorosamente, Luís Roque Duarte não passava de um mentiroso.

Depois de ter tomado conhecimento, em conversa com Matilde, da dimensão que tomará a história de sua falsa santidade, Roque procura o padre Hipólito para devolver o turíbulo roubado e para lhe contar toda a verdade. Surpreso, o padre decide procurar as autoridades da cidade, concordando com a ideia de Roque em contar a verdade de uma vez por todas. Na casa de Porcina, a reação dela, do prefeito, de Zé das Medalhas e de Sinhozinho Malta não é das melhores. A volta de Roque não só era impactante, mas também era uma grande desgraça para a economia da cidade, que por anos estava lucrando com a lenda de um falso santo.

Em consenso, exceto pelo padre Hipólito, todos os outros concordavam que seria melhor para todos se Roque não contasse nada para mais ninguém e que permanecesse “morto”, como assim estivera nos últimos dezessete anos. Tudo seria

ótimo se não fosse pela recusa do próprio Roque, que estava disposto a contar toda a verdade e ficar em paz com sua consciência.

Bajulado por Sinhozinho Malta e pelas demais autoridades, Roque permanece por um tempo sob a falsa identidade de Duarte, dizendo ser um primo do Santo Roque, e com o qual teria uma mera semelhança física. Nesse meio tempo, cresce a sua aproximação com Porcina, a sua falsa viúva, pela qual aos poucos Roque vai nutrindo um ardente desejo, sentimento recíproco.

Na cidade de Asa Branca, moram outros personagens marcantes, como a noiva de Roque Santeiro, a dona Mocinha (Lucinha Lins), filha do prefeito, que mantém a promessa de guardar sua virgindade, permanecendo fiel até a morte ao seu eterno amado. Mesmo assim, ela é cortejada pelo professor Astromar (Rui Resende), conhecido pelos seus belos discursos cheios de palavras rebuscadas, das quais ninguém compreende quase nada. Correm boatos na cidade de que o professor Astromar, nas noites de lua cheia, vira lobisomem. Também há outras figuras marcantes, como o pai de Roque Santeiro, o Beato Salu (Nelson Dantas), um homem que muito lembra a figura de Antônio Conselheiro. Sempre rodeado de pessoas, ele tem uma grande influência religiosa, por ser pai de um “santo” e pelas profecias muitas vezes paranoicas que faz. Para os mais céticos, ele não passa de um alienado esquizofrênico. Em meio a toda aquela situação, a cidade estava recebendo uma equipe cinematográfica, que estava produzindo um filme baseado na saga de Roque Santeiro, tendo como ator para viver o santo o mulherengo Roberto Mathias (Fábio Júnior).

São várias as tentativas de Roque contar a verdade para a cidade, depois de ter voltado. No entanto, o mito de sua santidade é mais forte do que ele imaginava.

As tentativas para matá-lo também são muitas. Uma delas foi a contratação de um pistoleiro que chega a perseguir Roque e que consegue efetuar um disparo que o deixa aterrorizado. Ferido, foge e cai num rio. De acordo com o pistoleiro, seria impossível ele ter sobrevivido. Porém, Roque consegue escapar e recebe cuidados numa casa de mulheres próximas. Um detalhe que vale a pena ser levado em consideração é o fato de que, antes de efetuado o plano, o pistoleiro fora dispensado de sua missão pelo próprio Sinhozinho Malta, que, mesmo depois de ter pagado o matador, tentou convencê-lo a desistir do serviço. Tentativa sem sucesso, após ele argumentar que o homem já estava “marcado”. A decisão de Sinhozinho, em evitar a morte de Roque, que tanto ameaçava seu conforto e o desenvolvimento da cidade, se

deu após ele saber que existia um dossiê contando a verdadeira história de Roque Santeiro, a história que poucos sabiam é que poria um fim em todo progresso de Asa Branca. O dossiê estava nas mãos de alguém da confiança de Roque, que sabia toda a verdade, e seria revelado a toda cidade caso alguma coisa lhe ocorresse. Isso fez Sinhozinho e os outros temerem pelo escândalo que seria e inutilmente tentaram evitar o pistoleiro. Por sorte, Roque sobrevive ao atentado e volta triunfante, com mais sede de justiça e mais disposto a se revelar, além de estar agora ao lado de Porcina, já que, depois de um tempo, os dois passam a nutrir um sentimento de amor recíproco.

A revolta de Roque aumenta quando ele tenta buscar justiça pela morte do seu irmão, João Ligeiro (Maurício Mattar), assassinado covardemente. O desfecho da história acontece quando o bandido Navalhada sai da cadeia e volta para Asa Branca. Completamente alienado pela religião, ele afirma não ter dado cabo de Roque Santeiro e se diz disposto a matar o verdadeiro assassino do santo. Roque decide se encontrar com Navalhada para esclarecer todo o mal-entendido, dizendo que ele é o verdadeiro Roque. Um encontro dos dois é marcado pelo padre Hipólito. Navalhada, por sua vez, acredita que Roque seria o demônio que estava em Asa Branca. No encontro dos dois, a tensão de Sinhozinho aumenta, temendo que aconteça uma desgraça, já que os dois estão armados. Navalhada armado, disposto a matar, e Roque armado, por sugestão de Porcina, que, preocupada, argumenta que a arma serviria para sua defesa. Navalhada dá o primeiro tiro, outro tiro é disparado vindo da direção oposta, efetuado por Sinhozinho que assistira a tudo de longe. Roque vê Navalhada morto no chão pelas mãos de Sinhozinho, mas fica preocupado, acreditando ter sido ele o autor do crime. Sinhozinho endossa a crença e afirma que ele precisa fugir da cidade, depois de ter matado aquele homem.

O incidente com a morte de Navalhada faz Roque desistir de contar a verdade para a cidade e decide finalmente ir embora de Asa Branca para muito longe e nunca mais voltar. O grande dilema do final da história é com quem Porcina terminaria, se seguia com Roque ou se ficava em Asa Branca com Sinhozinho. Vence a segunda opção. Roque vai embora de vez de Asa Branca, que segue acreditando no seu mito e continua prosperando com ele, assim como os seus poderosos.

3.4 Roque Santeiro – contexto histórico da novela

A novela *Roque Santeiro* foi uma adaptação de Dias Gomes de seu próprio texto teatral *O berço do herói*. Prevista para estreiar adaptada para o gênero telenovela em agosto de 1975 na Rede Globo, substituindo *Escalada*, de Lauro César Muniz, a novela já estava com trinta capítulos gravados e as chamadas na programação anunciavam a estreia. Betty Faria, Lima Duarte e Francisco Cuoco eram respectivamente os personagens Viúva Porcina, Sinhozinho Malta e Roque Santeiro. Contudo, no dia da estreia, a emissora recebe um ofício do Departamento de Ordem Política e Social do Governo Federal, que na época era regido pelos militares, proibindo a novela de ir ao ar. Foi a primeira vez que uma telenovela brasileira foi impedida de estreiar.

O motivo por trás da censura se deu por causa de um telefonema gravado, em que Dias Gomes, em conversa com o amigo Nelson Werneck Sodré, afirma que *Roque Santeiro* era na verdade uma adaptação de *O berço do herói*, peça que também fora censurada no passado. Em tom de deboche, ele dizia que os censores eram muito ingênuos para perceber as semelhanças dos dois textos, embora as mudanças entre eles fossem apenas o título, os nomes dos personagens, a inserção de núcleos paralelos e o contexto histórico, mas a crítica era a mesma: “Ah, assim é capaz de passar, esses milicos são muito burros” (GOMES, 1998, p. 224).

Os censores acabaram proibindo a novela do mesmo jeito. Nem a influência do jornalista e proprietário da Rede Globo Roberto Marinho foi capaz de liberar a novela junto ao Ministério da Justiça, na época comandado por Armando Falcão. José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, foi procurado por Dias Gomes para interceder por ele, mas não teve jeito também, a novela ficou proibida.

Com a proibição de *Roque Santeiro*, a emissora teve três meses para preparar uma nova novela, enquanto isso fora exibida a reprise de um compacto da novela de sucesso *Selva de pedra*, de Janete Clair, esposa de Dias Gomes. Coincidentemente, a novela que fora produzida na época foi *Pecado Capital*, de autoria da mesma Janete Clair, sucesso que na época aproveitou os mesmos nomes escalados para *Roque Santeiro*, assim como cenários e a equipe de produção.

Dez anos depois, a novela *Roque Santeiro* sairia finalmente da gaveta, já no governo de José Sarney. Tendo como nomes nos principais papéis Lima Duarte, no mesmo papel de Sinhozinho Malta da versão proibida de 1975, e agora Regina Duarte e José Wilker, nas personagens Viúva Porcina e Roque Santeiro. No entanto, após cinquenta e um capítulos já escritos, Dias Gomes decide deixar a escrita da novela a

cargo de Aguinaldo Silva, até então seu colaborador, que assume a autoria dos capítulos daí em diante, com a colaboração de Marcílio Moraes e de Joaquim Assis. Só no capítulo de número 162 Dias Gomes decide retornar a escrita da novela, conduzindo-a até o capítulo 209, o capítulo final. A novela teve como diretores Gonzaga Blota, Marcos Paulo e Jayme Monjardim, ficando Paulo Ubiratan com a direção geral.

Roque Santeiro não demorou a engrenar e logo conquistou o Brasil, tendo a audiência de cerca de 80% dos telespectadores na época. A imprensa chegou a divulgar e promover inúmeras matérias sobre a história de Roque, Porcina e Sinhozinho Malta. O faturamento e a audiência da emissora estavam em alta, até que uma briga nos bastidores da novela acabou sendo levada a público, precisando de uma intervenção da própria Globo na época, que foi o mal-estar entre Dias Gomes e Aguinaldo, em disputa pela autoria da novela. Em viagem à Europa, Dias Gomes se irrita por achar que, nas entrevistas, Aguinaldo se colocava como o criador da história. A intriga aumentou quando Dias Gomes “tomou” a novela de volta, o que deixou Aguinaldo inconformado. Porém, tudo ficou ainda mais tenso quando os dois autores começaram a divergir quanto aos desfechos dos personagens principais. Foi aí que a Globo precisou intervir, deixando que Dias Gomes conduzisse a trama até o final.

A disputa dos dois autores não era nem sobre o faturamento que cada um receberia, devido ao sucesso comercial da novela, mas era sobre ter o título de autor do maior sucesso da teledramaturgia brasileira. Anos depois, os dois acabaram desfazendo o mal-estar em um encontro, pouco antes da morte de Dias Gomes.

A novela teve mais de um final gravado, tendo em ambos deles o desfecho de Roque indo embora de Asa Branca, depois de acreditar ter matado Navalhada. Porém, com o sucesso do triângulo formado por Lima Duarte, Regina Duarte e José Wilker, a emissora gravou dois finais diferentes para Porcina. Em um deles, ela vai embora com Roque em um avião, deixando Sinhozinho para trás. Já no outro final – o que foi exibido oficialmente pela emissora – Porcina decide ficar ao lado de Sinhozinho Malta e continuar sua vida como antes. Existem rumores que indicam que possivelmente um terceiro final foi escrito para Porcina, com ela terminando ao lado do capataz Rodésio, o que não foi divulgado nem sequer confirmado pela Rede Globo.

A novela foi reexibida entre 1991 e 1992, em 135 capítulos. Anos depois, foi reexibida mais uma vez entre os anos 2000 e 2001, em comemoração aos 50 anos da televisão brasileira e aos 35 anos da Rede Globo, em 145 capítulos. Teve duas

exibições também em Portugal, nos anos de 1987-1988, e 1993, pelos canais RTP1 e SIC, respectivamente. Em 2010, foi lançado um compacto em formato DVD da novela. Foi reexibida pelo Canal Viva entre 2011 e 2012, na íntegra. Em junho de 2021, foi adicionado ao catálogo da plataforma de streaming do Grupo Globo, o Globo Play na sua versão completa.

3.5 Analisando as mudanças dramatúrgicas entre *O berço do herói* e *Roque Santeiro*

Para adaptar ao gênero telenovela a peça *O berço do herói*, integralmente censurada pelo governo militar, Dias Gomes tinha consciência de que seriam necessárias muitas mudanças. Assim, ele prontamente alterou os nomes de muitos dos personagens: Viúva Porcina, na novela (Antonieta, na peça), Chico Malta, conhecido por Sinhozinho Malta (Major Chico Manga), e o personagem central Luís Roque Duarte, o Roque Santeiro (Cabo Jorge, na peça).

Não só foram mudados os nomes dos personagens e o título da obra, também foi alterado o contexto em que se passava a trama. Se, na peça, a história se passava poucos anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, na novela o enredo se passava no período contemporâneo de sua exibição, os anos de 1980.

A mudança no contexto da história fez com que o personagem principal, o Cabo Jorge, da peça, se transformasse em um simples rapaz que ajudava na igreja como coroinha e fazia santos de barro, daí o apelido de “santeiro”. Dias Gomes tirou o contexto militar na adaptação, conseqüentemente precisou tirar a patente de cabo do protagonista da história. E, para manter a trama de um falso “herói” que traria o progresso e o desenvolvimento para a sua cidadezinha do interior da Bahia esquecida no Brasil (que na peça é Cabo Jorge e na novela era Asa Branca), Dias Gomes substituiu o “herói” da Guerra por um “santo milagreiro”.

Em ambas as histórias existe o fato de que a cidade cresce em cima da valorização de uma mentira, que por um bom tempo segue desconhecida por todos, até mesmo pelos poderosos, que mais ganham com ela, como é o caso do prefeito Silveirinha/Florindo Abelha; de Antonieta/Viúva Porcina; do Vigário/Padre Hipólito; Major Chico Manga/Sinhozinho Malta, e de Zé das Medalhas, personagem da novela. A vida de todos segue bem e feliz até a volta do personagem central: Cabo Jorge/Luís

Roque

Duarte.

Dias Gomes manteve, nas duas dramaturgias, o mesmo sentimento vergonhoso, calcado na mentira, que estava por trás do mito de bravura tanto do “herói” como do “santo”. O primeiro não passava de um covarde, um desertor; já o segundo era na verdade um ladrão, que rouba o turíbulo de ouro da igreja e fugira da cidade, despistando até mesmo o grupo de bandidos. A opção de Dias Gomes em manter esses dilemas nas duas dramaturgias é sagaz, principalmente se for analisado que nas duas histórias o endeusamento que ambos os protagonistas recebem, à luz da verdade, é algo completamente hipócrita.

Depois que o personagem central, tanto na peça como na novela, volta, a vida dos poderosos, o progresso da cidade e a paz estão ameaçados. Em ambas as versões, ele volta para a cidade e se dá conta da realidade, a partir de uma conversa com Matilde, a cafetina, que nas duas histórias têm o mesmo nome. O próprio protagonista desconhece o mito que virou a sua história. As reações de Antonieta/Porcina e de Major Chico Manga/Sinhozinho Malta são de um total desespero, como também a do prefeito Silveirinha/Florindo Abelha e a do Vigário/Padre Hipólito. Na novela, mais um personagem ganha destaque no núcleo dos poderosos de Asa Branca, que muito tem a perder com a volta de Roque, é Zé das Medalhas, comerciante de medalhinhas de prata com a face de Roque esculpida. Nas duas histórias, Dias Gomes destaca, por meio dos diálogos dos poderosos, após a descoberta da volta do personagem central, o quanto a revelação da verdade pode arruinar o progresso e o desenvolvimento da cidade.

Curiosamente, no texto da novela, em se tratando do contexto dos anos de 1980, diferentemente do período do final dos anos de 1950 e do início dos anos de 1960, não muitos anos após a Segunda Guerra, esses avanços no âmbito do turismo da região mudam drasticamente de proporção. Enquanto na peça a implantação de uma estrada asfaltada dando acesso à cidade de Cabo Jorge é o passo rumo ao desenvolvimento, na novela esse avanço se trata da construção de uma pista de pouso para aviões que possibilitem o deslocamento entre a cidade de Asa Branca e a capital do estado, no caso Salvador.

Numa cena do primeiro ato da peça vemos a comercialização do mito do herói Cabo Jorge. A viúva Antonieta vende relíquias feitas de roupas, e outros tipos de pertences do falecido, que mesmo sem nenhuma atribuição religiosa diretamente, acaba seduzindo todos aqueles que buscam alguma espécie de amuleto espiritual,

como é o exemplo da mulher grávida que deseja qualquer pertence do Cabo Jorge, acreditando com isso dar sorte na sua gravidez. Já na novela *Roque Santeiro*, não existe nenhuma cena em que a viúva Porcina venda algum pertence ou relíquia do mártir Roque Santeiro. No entanto, a comercialização em cima do nome do suposto santo é enorme e expande todos os tipos de objetos, desde medalhas, santos de barro, cordéis, entre outros. Destaca-se que na novela fica ainda mais convincente a fixação de muitos em adquirir uma relíquia que tenha pertencido ao Roque, que para toda aquela gente é um santo milagreiro, diferentemente do contexto da peça.

O próprio mito, em ambas as histórias, parece se desenrolar com mais coerência no texto da novela. É possível ver numa cena do segundo quadro da peça, ainda no primeiro ato, que Dias Gomes já flertava com a ideia da qual, no futuro, ele se apropriará de vez para escrever a adaptação de sua obra: a santidade do personagem principal da história. Porém, na peça, a suposta santidade do Cabo Jorge não passa de suposições atribuídas a ele pelo povo da cidade, de maneira que não tem nenhuma comprovação do poder milagroso do falecido. Já na novela, o personagem de Roque é tido, de fato, como um santo, não só pela fé popular e pela convicção um tanto fanática dos cidadãos de Asa Branca, mas também a partir de alguns depoimentos de “supostos milagres” alcançados por alguns fiéis, em virtude da devoção ao santo Roque. Outro detalhe a ser comentado é que, diferentemente do contexto da peça, que é majoritariamente político e militar, na novela a história está ligada diretamente à religião e à fé popular. Enquanto na peça detalhes de dogmas e sacramentos da Igreja Católica, como a primeira comunhão, são postos em questionamento, na novela o personagem do Roque tem todo um histórico de verdadeiro cristão católico: nasceu dentro da religião, foi coroinha e fabricava santos de barro, além de ser filho do beato Salu, um homem com devaneios religiosos, ou melhor, devaneios fanáticos ao extremo, que em muito lembra a figura mítica de Antônio Conselheiro.

Devido à necessidade de estender a história para se enquadrar no gênero telenovela, Dias Gomes precisou criar novos personagens e núcleos, além de dar maior espaço para os núcleos paralelos e desenvolver novas situações em torno do núcleo principal. Dos novos núcleos e personagens, um dos que mais ganhou destaque e até hoje é lembrado pela telenovela é o do prefeito Florindo Abelha, sua esposa dona Pombinha, sua filha Mocinha e o professor Astromar, que, segundo acreditavam, virava lobisomem nas noites de lua cheia. Esses personagens foram

vivididos pelos seguintes atores: Ary Fontoura, Eloísa Mafalda, Lucinha Lins e Rui Rezende. O núcleo do filme inspirado na história do “herói”, apenas citado na peça, ganha mais espaço na novela, tendo como destaque o personagem de Roberto Mathias, vivido por Fábio Jr, que seria o ator que faria o papel do Roque no filme.

Do núcleo central, Roque Santeiro tinha um pai, o já citado beato Salu, interpretado por Nelson Dantas, e um irmão, por nome de João Ligeiro, vivido por Maurício Mattar. A viúva Porcina teve sua personalidade extravagante e espontânea melhor explorada na novela, além de ter cenas hilárias ao lado de Sinhozinho Malta – entre brigas e brincadeiras de cunho erótico, o casal caiu no gosto popular. A história de Sinhozinho Malta também ganhou novos personagens, como foi o caso da sua filha Tânia, interpretada por Lídia Brondi, que tinha uma difícil relação com o pai, depois do suposto acidente com espingarda que teria matado sua mãe, que na verdade teria se suicidado, depois de flagrar Sinhozinho e Porcina.

Como quase toda novela, *Roque Santeiro* também teve um triângulo amoroso que foi entre Roque, Porcina e Sinhozinho. Na peça, o Cabo Jorge era sobrinho do Major Chico Manga, e era noivo da filha do prefeito; na novela, Roque não tinha nenhum parentesco com Sinhozinho, e também era noivo da filha do prefeito. No entanto, seu envolvimento maior se dá com Porcina, sua “viúva” sem nunca ter sido. Nas duas histórias, Dias Gomes mantém a falsa documentação que comprova a viuvez de Antonieta/Porcina, mas é na novela que o romance dos dois é aflorado, aumentando ainda mais a sua rivalidade com Sinhozinho.

É importante destacar aqui o desfecho das duas histórias que são completamente diferentes. Na peça, Cabo Jorge morre no bordel de Matilde, envenenado por ela a mando do Major Chico Manga, e tem seu corpo enterrado discretamente, tendo assim o seu mito de herói preservado, sem que ninguém jamais imaginasse o que de fato teria acontecido. Na novela, o desfecho se dá após Roque acreditar ter sido ele o matador de Navalhada. Aquilo mexe com Roque que, temendo até mesmo a prisão, decide ir embora de Asa Branca depois de tanta relutância, e de tantos atentados vividos orquestrados pelo próprio Sinhozinho. Na peça, Cabo Jorge tem o mesmo desfecho trágico que outros protagonistas de Dias Gomes, como é o caso de Zé do Burro em *O pagador de promessas* e de Odorico Paraguaçu em *O bem amado*.

Muitas foram as mudanças de *O berço do herói* para *Roque Santeiro*, algumas se deram numa tentativa de Dias Gomes de despistar os censores, e outras vieram

pela necessidade de se adequar ao gênero telenovela. Entretanto, as duas histórias mantinham a mesma crítica: a ideia de uma falsa liberdade diante do sistema. Tanto o “herói”, quanto o “santo” só queriam voltar para sua terra natal e usufruir de seu direito de liberdade. No entanto, a liberdade de ambos colocava em risco uma engrenagem econômica e social muito consolidada, e isso explica os desfechos de cada um.

Imagem 1: O autor Dias Gomes



(Fonte: Tv Globo/ Saramandaia)

Imagem 2: Lima Duarte, Regina Duarte e José Wilker em Roque Santeiro, da Rede Globo, 1985.



(Fonte: VEJA, 2011).

4. A DRAMATURGIA DE DIAS GOMES TRABALHADA NA PEDAGOGIA DO TEATRO

Assim como foi dito no início desta monografia, o campo da Pedagogia do Teatro é muito amplo e diverso, cobrindo as questões do ator, como corpo, voz, interpretação, mas também os elementos mais visuais do espetáculo, como o figurino, a maquiagem, a iluminação e o cenário. Porém, existe um outro elemento que é igualmente essencial: a dramaturgia, seja ela escrita ou não. Contudo, aqui irei-me ater ao texto dramaturgício. No entanto, é importante voltar a salientar a noção de dramaturgia com a qual estamos trabalhando, que não tem a ver com um estudo do texto de uma peça, mas de uma investigação de técnicas de adaptações feitas a partir de uma peça, e de como adequar esse texto teatral, adaptado-o conforme a proposta e o conceito direcionado, que nesse caso seria a sala de aula.

Em certa medida, pensar em referenciais teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa foi um tanto trabalhoso. Muito se tem de reflexões e estudo sobre dramaturgia. Contudo, percebi, nesta investigação, que, no âmbito propriamente da Pedagogia do Teatro, essa área tão rica e tão importante ainda não tem a devida atenção, sendo relegada a um segundo plano, não só em sala de aula, mas também na própria Academia. Daí a importância de aprofundar e de desenvolver estudos cada vez mais voltados para esse campo, como destaca o Prof. Dr. Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis em seu projeto de pesquisa:

De certo modo, a percepção de que não existem muitas publicações enfocando especificamente essa temática também nos estimula a propor este estudo. Além disso, os textos teóricos a que por ora temos acesso robustecem nossa suposição sobre a relevância da dramaturgia nos processos pedagógicos em teatro". (REIS, Luís, 2021).

Na minha experiência no Curso de Teatro/Licenciatura, na Universidade Federal de Pernambuco, tive uma aproximação mais direta com estudos sobre dramaturgia em duas disciplinas: Literatura Dramática Ocidental e Oficina de Produção Textual para Teatro. Um detalhe a ser levado em consideração é o fato de que ambas são disciplinas eletivas, cursadas apenas pelos estudantes mais interessados no tema. Esse dado nos leva à constatação de que o campo da dramaturgia, partindo do recorte desta pesquisa, que tem como foco a noção de “dramaturgismo”, em que são trabalhadas operações dramaturgias a fim de adaptar

um texto de acordo com a necessidade, necessita ainda de uma maior abordagem e exploração no curso de Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco. nessa Licenciatura.

Entendemos que, em grande medida, todos os elementos para a composição de um espetáculo, desde a preparação do ator, até as composições visuais de figurino e maquiagem, têm, em geral, como base inicial de inspiração o texto dramático. A partir da dramaturgia, é possível conceber o espírito de cada personagem e investigar caminhos para a poética do espetáculo. É em diálogo com o texto dramático que toda a criação teatral vai se construir.

A escolha de Dias Gomes veio da conexão que tive com o autor, a partir das suas novelas. Fiquei maravilhado com sua capacidade de desenvolver personagens tão marcantes e de criar histórias tão criativas e inovadoras. Por exemplo, a história de um homem que, dado como morto após ter salvado a igreja de um ataque, é tido como santo milagreiro anos depois, trazendo a riqueza para a sua cidade com aquela mentira; a história de um prefeito corrupto que constrói um cemitério e não o consegue inaugurar, pois ninguém mais morre na cidade; ou a história de um homem que morre, em conflito com preceitos da Igreja Católica, após insistir em pagar uma promessa em prol de um suposto milagre recebido pelo seu burro. Pois são essas histórias, todas criadas por Dias Gomes, que movem algumas de suas mais importantes obras: *Roque Santeiro*, *O bem amado*, e *O pagador de promessas*, criações que atestam a sua genialidade como dramaturgo. Cada história dessa, com seus incríveis personagens, traz consigo uma crítica que nos faz refletir sobre certos valores e sobre certas regras. Nada em sua dramaturgia está posto de modo aleatório, à toa: tudo vem carregado de muitas camadas de significado.

Sábato Magaldi destaca, no livro *Moderna dramaturgia brasileira* (1998), um capítulo integralmente dedicado a Dias Gomes, em que analisa as peças *A invasão*, e *O pagador de promessas*, detendo-se sobre a criação das personagens e suas sutilezas:

Zé do Burro representou um achado singular de ficcionista, talvez até em virtude da simplicidade e da espessura psicológicas. Nenhum traço o lançava em sutilezas ou requintes de indagações, que seriam até incongruentes, em sua Personalidade (MAGALDI, 1998, p. 136).

Diante da genialidade do Dias Gomes, na forma como ele cria e desenvolve suas personagens, dentre várias de suas peças, achei uma delas a mais marcante

das quais eu tive a oportunidade de ler, que foi *O berço do herói*. Curiosamente, cheguei a assistir, em 2014, um compacto da novela *Roque Santeiro* em DVD lançado pela Globo Marcas no ano de 2010. Prontamente, fui tomado pela história e pelos personagens, o que deflagrou, em mim, o interesse por Dias Gomes. Mas foi só na Universidade que de fato pude ter um contato maior com ele, dessa vez mais diretamente com a sua dramaturgia. Quando descobri que a peça *O berço do herói* tinha originado a novela *Roque Santeiro*, passei a pesquisar sobre essa operação dramática e percebi, de pronto, vários recursos utilizados por Dias Gomes, a fim de despistar a Censura Federal vigente à época.

A priori, eu não percebia a ligação entre as duas histórias, e me foi uma verdadeira descoberta poder compará-las e perceber as semelhanças e as alterações, como, entre tantos outros aspectos, os próprios nomes de personagens e o título da própria história.

Como a peça havia sido integralmente censurada, Dias Gomes tentava, agora, com as mudanças realizadas, conseguir apresentar sua criação a todo o país, por meio de uma telenovela. No entanto, como comentamos anteriormente, os censores descobriram, a partir de um telefonema gravado, que a história do Roque era a mesma do *Cabo Jorge*, que já tinha sido proibida em 1975, conforme detalha a pesquisadora Ana Maria de Medeiros em sua pesquisa:

O problema é que o telefone do historiador estava grampeado pelo Dops (Departamento de ordem política e social) e toda conversa havia sido gravada. Resultado: a novela foi proibida, só sendo liberada em 1985, quando conseguiu o feito de, em alguns capítulos, marcar 100% de audiência (MEDEIROS, 2016, p.130).

Assim, em 1975, a novela foi também proibida, precisamente na noite de estreia, assim como havia acontecido com a peça em sua primeira montagem. Somente em 1985, a novela iria finalmente ao ar. De todas as coisas envolvendo essa história, a que mais me deixa encantado pelo trabalho do Dias Gomes é o fato de que nas duas versões a história não perde o seu poder de crítica.

As peças de Dias Gomes, um autor teatral dos mais habilidosos, sempre traziam várias críticas sociais, em diversas camadas, nem sempre apresentadas de modo facilmente identificável. Isso, em grande medida, para tentar despistar a censura. Questionado, certa ocasião, se a necessidade de burlar a censura contribuiu para o aperfeiçoamento do dramaturgo, aumentando a sua capacidade criativa, Dias

Gomes negou tal hipótese: "Aí seria aceitar a censura como uma coisa benéfica, e não é. O artista se alimenta de liberdade" (GOMES, 1985).

Foi estudando o texto da peça *O berço do herói* e a novela *Roque Santeiro*, comparando as duas histórias, percebendo suas características, suas principais diferenças e também suas semelhanças, tudo isso pelo viés do texto dramatúrgico, que percebi o quão rico poderia ser usar o trabalho criativo de Dias Gomes, e em especial essa adaptação feita de seu próprio texto teatral para o gênero telenovela, no âmbito da Pedagogia do Teatro, especificamente para o trabalho em sala de aula voltado para o ensino de dramaturgia.

Pensando em aproveitar o texto original da peça, e os recursos em vídeo da novela, apresentamos a seguir algumas possíveis atividades para estudantes da Educação Básica. Essas atividades, contudo, ainda se encontram no campo sugestivo de como a obra do Dias Gomes pode contribuir para os estudos de dramaturgia em sala de aula. Até o presente momento, nenhuma foi testada de fato, e conseqüentemente não há uma análise quanto a sua eficácia e os desdobramentos que elas podem implicar e as suas adaptações necessárias para atender aos objetivos almejados.

Primeiramente, vamos pensar em estudantes do Ensino Médio. Segue o esboço de um plano de aula com os detalhes de como levar a obra de Dias Gomes para trabalhar dramaturgia em sala de aula:

Plano de aula - Dramaturgia com Dias Gomes
Professor: Romero Paulino Mendes
<ul style="list-style-type: none"> ● EMENTA: <p>Aula sobre dramaturgia, utilizando o texto de Dias Gomes <i>O berço do herói</i> e cenas da novela <i>Roque Santeiro</i>.</p>

- **OBJETIVOS:**

- **Geral:**

Realizar uma aula com alunos do Ensino Médio utilizando o texto teatral e cenas da telenovela de Dias Gomes, a fim de alcançar um estímulo para a capacidade de leitura crítica, interpretação textual e visual e associação, comparando dois gêneros artísticos.

- **Específicos:**

1. Estimular os alunos à leitura da peça *O berço do herói*, de Dias Gomes
2. Analisar cenas da novela *Roque Santeiro*;
3. Provocar os alunos a identificar as semelhanças entre as duas obras;
4. Detalhar as mudanças ocorridas de uma linguagem para a outra;
5. Buscar trabalhar a interpretação e análise textual e visual dos alunos;

- **PÚBLICO ALVO:**

Alunos da faixa etária entre 14 a 17 anos, que estão matriculados no Ensino Médio.

- **RECURSOS DIDÁTICOS:**

1. Notebook
2. Projetor
3. Sala de aula ou auditório
4. Texto da peça impresso
5. Acesso à internet
6. Caixa de som

- **METODOLOGIA:**

1. **Orientação inicial:**

Inicialmente, será solicitado aos alunos que leiam algumas cenas da peça *O berço do herói*, que será distribuída para todos em formato impresso. O tempo de finalização da leitura será em torno de 20 minutos.

2. **Segundo passo:**

Após a leitura das cenas da peça *O berço do herói*, ainda em sala de aula, ou em um auditório da escola, a depender da disponibilidade de projeção de vídeo, serão

exibidas cenas cortadas da novela *Roque Santeiro*, disponibilizadas pelo Youtube. O tempo estimado para essa etapa da aula deve ser de 10 a 15 min.

3. Terceiro passo:

Com o fim da segunda parte da aula, que foi assistir atentamente às cenas da novela *Roque Santeiro*, foi aberta uma discussão. Tendo com perguntas feitas pelo professor do tipo: Que semelhança vocês veem na cena da novela com a cena do prólogo da peça? Qual a diferença entre o Cabo Jorge e Luís Roque Duarte? As duas obras têm uma crítica em comum, qual seria? As perguntas serviram para direcionar melhor a discussão e haver um melhor aproveitamento do tempo.

4. AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita no final da discussão, quando será abordado o contexto por trás da adaptação do texto teatral para a telenovela. A outra maneira de avaliação se dará de acordo com a participação assídua dos alunos, desde a leitura atenta do texto da peça, a exibição dos vídeos e a discussão final.

Conforme o plano de aula, por exemplo, uma a cena trabalhada poderia ser a que mostra o momento em que é inaugurada a estátua de Roque Santeiro, em uma cerimônia de festa na cidade, tendo o pano que cobre o monumento sido puxado pela viúva Porcina com a ajuda de Sinhozinho Malta. Cena semelhante existe logo no prólogo da peça. No entanto, em *O berço do herói*, a estátua de Cabo Jorge está coberta pela bandeira do Brasil. O objetivo dessa atividade, com alunos do Ensino Médio, seria instigá-los a ler o texto dramático e provocar a reflexão a respeito das mudanças identificadas. Depois, quem sabe, o docente queira desafiar seus alunos a desenvolver uma adaptação de alguma cena de uma peça teatral clássica, um *Hamlet* de Shakespeare, sendo sugeridas diferentes contextos (tempo, lugar, estilo), sendo preservado o conteúdo central da cena, como uma proposta para uma aula seguinte.

Ainda com os alunos do Ensino Médio, o professor poderia usar a peça de Dias Gomes para explorar o contexto, no tempo da Ditadura Militar, que o levou a transformar *O berço do herói* em *Roque Santeiro*. Isso poderia suscitar em sala de aula uma discussão interdisciplinar, envolvendo também professores de História e de Literatura. Enquanto, em História, eles estudam sobre os principais fatos que marcaram o período de 1964 até 1985, tempo em que o Brasil foi duramente

governado por militares, com uma censura que proibia músicas, filmes e peças de teatro. Em Literatura, poderia ser ressaltado que nesse mesmo período da história, o Brasil viu surgir diversos movimentos artísticos que buscavam trazer na sua expressão artística uma inovação para o cenário cultural brasileiro, quase sempre trazendo uma crítica social. Essas características, por exemplo, estão muito visíveis na poética da Tropicália.

Trago aqui um exemplo de como isso poderia acontecer na prática, a partir de um exemplo da minha própria vivência estudantil. Em 2017, no terceiro ano do Ensino Médio, na escola EREM João Pessoa Souto Maior, em Sairé, houve a criação de um projeto chamado *Eletivas*, que constituía a junção de dois professores de diferentes disciplinas, em que os dois procuraram, de alguma maneira, criar aulas que contemplam as duas áreas do conhecimento, com alguma temática que gerasse atividades com os alunos que se interessassem por cada eletiva. Escolhi na época a eletiva que tinha o nome de *Philolyterar*, onde o professor de Filosofia e a professora de Literatura buscavam uma interdisciplinaridade entre as duas áreas de conhecimento. Foi então que eles pensaram em trabalhar justamente os chamados “anos de chumbo” e os movimentos artísticos dessa época, como a Tropicália. Lembro que, em uma reunião com os alunos interessados na eletiva, eles chegaram a comentar sobre a possibilidade de criar algum espetáculo teatral que pudesse abordar as temáticas trabalhadas. Na época, como eu já desenvolvia peças teatrais na mesma escola, o meu nome foi sugerido para liderar tal empreitada – o que acabou não acontecendo, devido às altas demandas que seriam necessárias, irrealizáveis em um curto período de tempo.

A partir da minha experiência no Ensino Médio, e tendo estudando a obra de Dias Gomes, tenho certeza de que seria possível desenvolver na mesma eletiva do *Philolyterar*, uma ideia que abarcasse tanto as disciplinas de História e de Literatura, agregando ainda a Pedagogia do Teatro. A ideia de pegar um texto do Dias Gomes e o adaptar, ou até mesmo o encenar, tendo contato com o conteúdo crítico da obra, implicaria o debruçar-se na disciplina de História. E, claro, no que tange à Literatura, possibilitaria conhecer outros movimentos artísticos da época, e outras obras, de outros autores, que assim como Dias Gomes precisavam encontrar formas para lidar com a censura na época, sem deixar de expressar suas opiniões críticas.

Agora, pensando em uma atividade mais simples, que poderia ser proposta para os alunos do Fundamental 2, que são os adolescentes em geral entre 11 a 14

anos de idade, penso o seguinte:

Plano de aula - Liberdade criativa com Dias Gomes
Professor: Romero Paulino Mendes
<ul style="list-style-type: none">● EMENTA: Aula sobre elementos visuais do teatro, utilizando a peça <i>O berço do herói</i> de Dias Gomes.
<ul style="list-style-type: none">● OBJETIVOS:<ul style="list-style-type: none">● Geral: Realizar uma aula com alunos do Ensino Fundamental 2, utilizando a peça de Dias Gomes <i>O berço do herói</i>, como gatilho de criação artística visual e performática.● Específicos:<ol style="list-style-type: none">1. Estimular os alunos à leitura crítica da peça <i>O berço do herói</i>, de Dias Gomes;2. Solicitar que os alunos pensem em elementos de caracterização das personagens da peça, como maquiagem, figurino e cenário, e desenhem como eles pensam determinados elementos, a partir das impressões da leitura, estimulando a criatividade, a partir do texto:3. Solicitar que os alunos criem mini cenas, a partir da peça <i>O berço do herói</i>, pensando também nas composições sociais, psicológicas e físicas das personagens;4. Mostrar cenas da novela <i>Roque Santeiro</i> para que os alunos possam fazer correlações de suas criações livres, a partir de uma obra audiovisual, fruto do texto de Dias Gomes.
<ul style="list-style-type: none">● PÚBLICO ALVO: Alunos da faixa etária entre 11 a 14 anos, que estão matriculados no Ensino Fundamental 2.

- **RECURSOS DIDÁTICOS:**

1. Papel ofício
2. Lápis de cor
3. Texto da peça impresso
4. Notebook
5. Projetor
6. Sala de aula ou auditório
7. Acesso à internet
8. Caixa de som

- **METODOLOGIA:**

- 1. Orientação inicial:**

Inicialmente, será solicitado aos alunos que leiam breves cenas da peça *O berço do herói*, que será distribuída para todos em formato impresso. O tempo de finalização da leitura será entre 15 min.

- 2. Segundo passo:**

Após a leitura, ainda em sala de aula, será solicitado que os alunos pensem nas composições de figurino, maquiagem, e cenário das personagens, a partir de suas impressões com a leitura da peça, e expressem por meio de desenhos. Eles poderão escolher livremente o personagem do interesse de cada um. A estimativa de tempo para essa atividade é de 20 minutos.

- 3. Terceiro passo:**

Após a composição das personagens, a partir dos desenhos solicitados pelos alunos, será pedido que eles pensem em composições mais práticas da personagem escolhida, como características sociais, psicológicas e físicas. Será orientado que eles devem pensar em cenas curtas, com algum colega de classe, evidenciando as características criadas por eles para a composição da sua personagem. A estimativa de duração dessa parte da aula será de 10 minutos.

- 4. Quarto passo:**

No encontro seguinte, os alunos deverão apresentar as suas microcenas, em sala de aula. A ordem de apresentação fica livre, diante da iniciativa de cada um. A duração dessa parte da aula será de pelo em torno de 20min.

- 5. Quinto passo:**

Na última parte da aula, o professor irá apresentar pequenas cenas da novela *Roque Santeiro*, disponibilizadas por meio do Youtube, quando os alunos poderão comparar com as cenas criadas por eles, e identificar as possíveis semelhanças. A estimativa de tempo para essa parte da aula é de 25 min.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita no final da aula, quando será levado em consideração a participação dos alunos em cada parte do processo: desde a leitura do texto, os dois momentos de criação e a parte de interpretação final.

Essa segunda atividade, que foi pensada para os alunos do Fundamental 2, iria proporcionar uma rica experiência de possíveis surpresas da parte dos alunos, como, por exemplo, se eles esboçaram a “viúva” do Cabo Jorge uma mulher simples, do povo, e depois a comparasse com a versão dessa personagem na novela, uma mulher ferosa, rica, com roupas extravagantes e com um senso de humor muito peculiar, sempre à flor da pele. Essas divergências de percepção poderiam ser comuns com diversos personagens. O interessante seria ver, nos alunos, a capacidade de percepção do texto dramático, a partir de uma leitura mais focada, procurando encontrar nas sutilezas da descrição dos personagens, como eles imaginariam a composição de cada figura, a partir da sua visão. Essa atividade abarca também outros campos da Pedagogia do Teatro, como os elementos visuais, figurino e maquiagem; além, claro, de trazer elementos para o estudo da interpretação, para o trabalho do ator propriamente dito, com a análise da personalidade de cada personagem, ainda que de maneira simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe uma discussão acerca da obra de Dias Gomes, mais especialmente a peça *O berço do herói* e sua adaptação para a televisão com a novela *Roque Santeiro*, e de como as operações dramatúrgicas feitas pelo autor podem contribuir para os estudos de dramaturgia, mais precisamente à luz da Pedagogia do Teatro.

Foi realizado inicialmente um estudo sobre a vida e a obra do autor baiano Alfredo de Freitas Dias Gomes. De maneira detalhada, pudemos conhecer melhor a biografia do autor, com trechos de relatos que ele mesmo fez em sua biografia intitulada *Apenas um subversivo*. Entender fatos importantes que marcaram a vida de Dias Gomes nos faz refletir melhor sobre seu ponto de vista, seu pensamento crítico e as inspirações que reverberam em suas obras.

Passando para o nosso objeto de pesquisa, a peça *O berço do herói* e a novela *Roque Santeiro*, contemplamos a sinopse das duas produções e o contexto histórico de cada uma delas, destacando os pontos mais importantes que levaram Dias Gomes a fazer determinadas mudanças de um texto para o outro.

Pensando em como aproveitar esse estudo para a Pedagogia do Teatro, ainda com ideia no campo da sugestão, esboçamos dois planos de aula, um para o Ensino Médio e outro para o Ensino Fundamental. Cada qual com uma atividade específica, ambas provocando os alunos à criatividade, a partir das impressões da leitura crítica

do texto da peça *O berço do herói*, e da observação em vídeo de cenas da novela *Roque Santeiro*.

Importante lembrar que essas atividades ainda se encontram em campo teórico, sem aplicação prática ainda. Por isso, elas ainda podem necessitar de adaptações necessárias, para um melhor aproveitamento do estudo.

REFERÊNCIAS

MAGALDI, Sábato. **Moderna dramaturgia brasileira**. Editora Perspectiva, 1998.

Memória Globo. Dias Gomes. *In: Memória Globo*: Dias Gomes. Globo.com, 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/dias-gomes/noticia/dias-gomes.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Memória Globo. Janete Clair. *In: Memória Globo*: Janete Clair. Globo.com, 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/janete-clair/noticia/janete-clair.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2022.

GOMES, Dias. **O berço do herói** - [6. ed.] - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 154p.

GOMES, Dias. **Apenas um subversivo**. Bertrand Brasil, 1998.

MEDEIROS, Ana Maria de et al. **Dias Gomes e a telenovela brasileira: O "nacional-popular" em O Bem-Amado, Saramandaia e Roque Santeiro**. 2016.

Oduvaldo Vianna: um inovador no teatro, no rádio e no cinema brasileiros. *In: Brasil Memória das Artes*. [S. l.], 2006. Disponível em: <https://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/familia-vianna/oduvaldo-vianna-um-inovador-no-teatro-no-radio-e-no-cinema-brasileiros/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

REIS, Luís. Palavras que movem: as relações entre dramaturgia e pedagogia do teatro na contemporaneidade (MÓDULO 1). Recife, 2021. **Anais USP**, 2021.

RIBEIRO, Rondinele. **De o Berço do Herói a Roque Santeiro, de Dias Gomes: Considerações sobre a transposição do herói para a teleficção**. **Scripta Uniandrade**, 2021.

